



A crise da zona do euro e o retorno do Estado regulador em debate

Rubens Ricupero

Por um sistema financeiro mais equilibrado

E mais:

Luiz Gonzaga Belluzzo

O fim do momento neoliberal do capitalismo

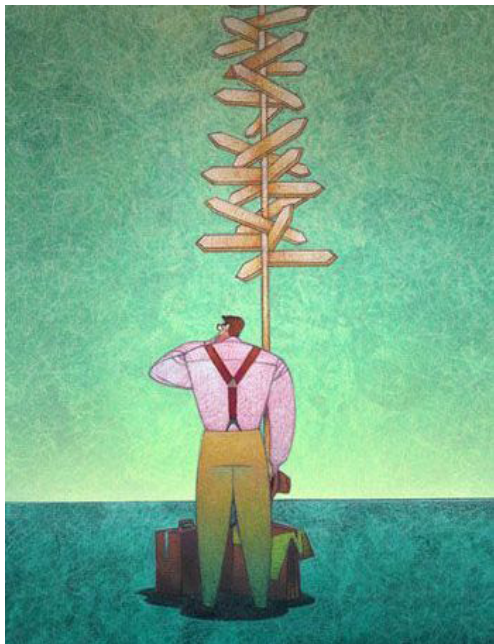
>> **Oswaldo Giacoia:**
Nietzsche, o pensamento
trágico e a afirmação da
totalidade da existência

Reinaldo Gonçalves

A liberalização está entrincheirada e
ressurge das cinzas

>> **Dênis de Moraes:**
A comunicação para a
cidadania na Internet

A crise da zona do euro e o retorno do Estado regulador em debate



A crise econômico-financeira desencadeada no final de 2008 continua numa nova fase. A crise da zona do euro será a última? Qual será a próxima? Depois da derrota da Terceira Via, formulada por Anthony Guiddens e implementada por Tony Blair, entre outros, e que teve, no Brasil, os seus seguidores, e do Consenso de Washington, que regeu o mundo durante 30 anos, que tipo de capitalismo emerge da atual crise? Qual é o seu impacto e quais as oportunidades que se abrem para países como o Brasil?

Estas são algumas das questões propostas pela IHU On-Line desta semana.

Contribuem, no debate, **Rubens Ricupero**, ex-secretário-geral da Unctad; **Luiz Gonzaga Belluzzo**, professor do Instituto de Economia da Unicamp; **Reinaldo Gonçalves**, professor de Economia Internacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro; **Fernando Ferrari**, professor na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS; **Fernando Cardim de Carvalho**, professor de economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ; e **James Petras**, professor emérito de Sociologia na Universidade

Binghamton, em Nova York.

Completam esta edição uma entrevista e um artigo. A entrevista é com o filósofo **Oswaldo Gia-coia**, que proferirá, nesta semana, a convite do Instituto Humanitas Unisinos - IHU e do PPG em Filosofia da Unisinos, a conferência Nietzsche e o pensamento trágico. A conferência integra o Ciclo de Estudos Filosofias da Diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana, a ser realizado nos dias 13 a 16 de setembro de 2010.

O artigo é de **Dênis de Moraes**, professor na Universidade Federal Fluminense - UFF, sobre a comunicação para a cidadania na Internet.

A todas e todos uma ótima semana e uma excelente leitura!

Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da **Revista IHU On-Line**: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (graziela@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br) e Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br). Revisão: Vanessa Alves (vanessaam@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Greyce Vargas (greyceellen@unisinos.br) e Juliana Spitaliere. **IHU On-Line** pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br. Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br - ramal 4121.



LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



Ministério
da Cultura



Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Rubens Ricupero: Na busca de um sistema financeiro internacional mais equilibrado

PÁGINA 09 | Luiz Gonzaga Belluzzo: O momento neoliberal do capitalismo terminou. Qual será o novo momento?

PÁGINA 12 | Reinaldo Gonçalves: “A liberalização está entrincheirada. Ela não morreu e, como Fênix, ressurgiu das cinzas”

PÁGINA 16 | Fernando Ferrari: “O mercado somente funciona com a ‘mão visível’ do Estado”

PÁGINA 18 | James Petras: A deterioração econômica da Europa

PÁGINA 22 | Fernando Cardim de Carvalho: “Criou-se uma moeda européia, mas não um estado europeu”

B. Destaques da semana

» Coluna do Cepos

PÁGINA 26 | Dênis de Moraes: A comunicação para a cidadania na Internet

» Destaques On-Line

PÁGINA 28 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Agenda de Eventos

PÁGINA 35 | Oswaldo Giacoia: Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência

» IHU Repórter

PÁGINA 38 | Elisa Castro



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

Na busca de um sistema financeiro internacional mais equilibrado

Rubens Ricupero percebe que um dos problemas básicos da crise da zona do euro é o contraste marcante entre o norte da Europa, que sempre foi o núcleo mais importante da unificação, e o extremo sul, que é o mais atingido

POR GRAZIELA WOLFART, MÁRCIA JUNGES E PATRICIA FACHIN

A partir da crise do euro e da crise financeira internacional, que abala o mundo desde 2007, o professor Rubens Ricupero aposta no surgimento de um capitalismo mais regulamentado pelo Estado. “As regras serão mais severas e, sobretudo o setor financeiro, que havia adquirido uma influência desproporcional nos últimos tempos, vai ter a sua liberdade de ação mais limitada”. Na entrevista que segue, concedida, por telefone, à IHU On-Line, na última sexta-feira, Ricupero entende que deverá surgir um tipo de regime com mais restrições à proliferação de instrumentos financeiros. E crê que “aí é que vai se sentir mais a modificação trazida pela crise, porque ela essencialmente nasceu e se desenvolveu dentro do sistema financeiro”. No entanto, reconhece que “a ausência da união política é a causa básica do que está acontecendo na Europa”. Para Ricupero, “o ponto fraco do euro não foi a ideia da moeda em si, mas o fato de que os políticos europeus aceitaram estender o euro a países muito heterogêneos e muito mais débeis economicamente do que aquele núcleo original”.

Rubens Ricupero é graduado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo - USP. Atualmente, é diretor da Faculdade de Economia da Fundação Armando Álvares Penteado - FAAP e do Instituto Fernand Braudel de São Paulo. Diplomata de carreira desde 1961, exerceu, dentre outras, as funções de assessor internacional do presidente Tancredo Neves (1984/1985), assessor especial do presidente da república José Sarney (1985/1987), representante permanente do Brasil junto aos órgãos da ONU sediados em Genebra (1987-1991) e embaixador nos Estados Unidos (1991-1993). Assumiu ainda os ministérios do Meio Ambiente entre 1993 e 1994 e da Fazenda em 1994 e foi secretário-geral da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), nos mandatos de 1995 a 1999 e de 1999 a 2004. Rubens Ricupero participou do Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI, promovido pelo IHU em maio de 2004. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Até o momento, o que o senhor identifica como resultado desta crise do euro? Qual a principal mudança que ela sinaliza?

Rubens Ricupero - Uma previsão exata é impossível de fazer nesse momento. Não conheço nenhum analista, mesmo os que estão mais próximos, como Martin Wolf¹, que acaba de escrever um artigo no *Financial Times* sobre o tema, nenhum deles se arrisca a fazer uma previsão sobre o destino final do euro. Ele mesmo começa sua coluna

desta semana dizendo que, até agora, considerava impensável a hipótese de uma dissolução da área do euro, mas já não acha mais isso impossível, embora julgue improvável. A crise ainda está em desenvolvimento, às vezes com mudanças imprevisíveis. De qualquer forma, há algumas conclusões que são mais plausíveis do que outras. A primeira é que, de fato, essa crise na Europa é um prolongamento da grande crise que se iniciou em agosto de 2007, nos EUA, com o desabamento do mercado imobiliário, que depois prosseguiu com crise financeira e bancária, primeiro nos Estados Unidos,

depois na Europa e em outros países. E agora entra numa fase nova, que é uma crise caracterizada, sobretudo, pelos problemas da dívida excessiva de alguns países mais concentrados na Europa e as dúvidas sobre a possibilidade desses países pagarem a dívida externa. Portanto, é uma nova fase desta crise, confirmando o que se disse no início, já em 2007, que essa não seria uma crise de curta duração, mas se estenderia por muito tempo e seria caracterizada por momentos de aparente recuperação, seguidos de novo por recaídas, muitas vezes em áreas distintas, que foi o que aconteceu nos

¹ Martin Wolf (1946): jornalista britânico, editor e comentarista de Economia no *Financial Times*, jornal britânico fundado em 1888. (Nota da IHU On-Line)

anos 30. Essa crise agora já começa a dar sinais de que está afetando a recuperação econômica da Europa. As notícias de hoje, sexta-feira (21-05), embora o parlamento alemão acabe de aprovar, há algumas horas, o pacote de apoio ao euro, é de que as bolsas estavam caindo na Europa devido à queda que houve ontem também na Ásia. Há muita incerteza, e ela, nesse momento, concentra-se, especialmente, na capacidade que terá esse pacote de pôr um fim às dúvidas que existem no mercado. Uma delas é se a Grécia vai conseguir, com essa ajuda, sobreviver sem ter que reescalonar a sua dívida, como a América Latina e inclusive o Brasil foram obrigados a fazer nos anos 80 e 90.

Muitas dúvidas

A primeira ministra alemã, Angela Merkel², dias atrás, quando se dirigiu ao parlamento, mencionou que um dos problemas da União Europeia é que não existe, dentro da zona do euro, uma regra para conduzir de maneira ordenada um problema de insolvência, de bancarrota, de um país não poder pagar a dívida, já sinalizando a perspectiva de isso acontecer de fato. E há dúvidas, depois do caso da Grécia, se Portugal e Espanha conseguirão também afrontar essas dificuldades. Portanto, há problemas em relação a esses países, há dúvidas muito grandes sobre a regulamentação financeira, tanto de um lado do Atlântico como do outro. Ontem (20-05), o Senado americano aprovou boa parte das reformas propostas pelo presidente Obama, mas agora que vai se elaborar a lei final, ainda não se tem clareza sobre isso. Enquanto que, na Europa, houve, nos últimos dias, um desenvolvimento surpreendente, que foi a decisão unilateral alemã de impor restrições à questão de certos tipos de especulação, tanto os *Credits Swaps*³

“Essa crise na Europa é um prolongamento da grande crise que se iniciou em agosto de 2007, nos EUA”

como a venda de ações a descoberto. E o que surpreendeu é que os alemães tivessem feito isso sem terem se coordenado com os outros países, muitos dos quais não acompanharam o movimento da Alemanha. Isso fez crescer muito a inquietação de que a Alemanha, como o país mais forte da zona do euro, prefira seguir seu caminho um pouco sozinha, impondo certas orientações. Há um conjunto de problemas muito grandes, ainda de incerta solução, que terão repercussão em outros países, inclusive na América Latina e no Brasil.

IHU On-Line - Que tipo de capitalismo surge a partir da crise da zona do euro?

Rubens Ricupero - Ele será mais regulamentado pelo Estado, como estamos vendo tanto na Europa como nos Estados Unidos. As regras serão mais severas e, sobretudo o setor financeiro, que havia adquirido uma influência desproporcional nos últimos tempos, vai ter a sua liberdade de ação mais limitada. Provavelmente, essa tendência será menos acentuada nos Estados Unidos, onde o setor financeiro tem muita força política no congresso e pode, muitas vezes, neutralizar os desejos do Executivo. Mas é claro que, mesmo nos Estados Unidos, hoje, há uma tendência forte no seio do governo americano a uma regulamentação estrita, mais severa do setor financeiro, tanto do presidente Obama como um dos seus conselheiros dessa matéria, Paul Volker⁴,

do não-cumprimento de crédito de um determinado emitente. O risco de default é transferido para o vendedor do Swap. O mercado de CDS foi criado em 1994 por um conjunto de bancos liderado pela JP Morgan. Estes instrumentos equiparam-se a “seguros” sobre obrigações ainda que com bastante nuances. (Nota da IHU On-Line)

4 Paul Adolph Volcker (1927): economista estadunidense, presidente da Reserva Federal dos Estados Unidos da América durante os

que foi presidente do Banco Central no início dos anos 80. Enquanto que o secretário do tesouro, Timothy Geithner⁵ e Larry Summers⁶, que é presidente do Conselho de Assessores, são mais moderados. Há certas nuances, mesmo dentro do governo americano. Provavelmente será um tipo de regime com mais restrições a essa proliferação de instrumentos financeiros. Creio que aí é que vai se sentir mais a modificação trazida pela crise, porque ela essencialmente nasceu e se desenvolveu dentro do sistema financeiro.

IHU On-Line - Quais as consequências do dismantelamento do estado de bem-estar social na Europa?

Rubens Ricupero - Não creio que se chegue a isso. Pode haver um enfraquecimento temporário em um país ou outro. Mas ainda se está muito longe de atingir o estado de bem-estar social como um todo. Onde se está sentindo algum tipo de efeito é no caso da Grécia que, devido à situação em que se encontra, já foi obrigada a adotar medidas em relação à questão das aposentadorias e ao sistema de previdência social. Mas isso ainda é muito limitado até na Grécia. Em muitos dos outros países, não houve, até agora, nenhum efeito, porque a diferença é muito grande. Os países do norte da Europa, como a Alemanha, Países Baixos, Holanda, Dinamarca e Suécia, estão muito sólidos, e, em nenhum deles, há qualquer sinal. Um dos problemas básicos da crise da zona do euro é justamente o contraste marcante entre o norte da Europa, que sempre foi o núcleo mais importante da unificação, e o extremo

governos de Jimmy Carter e Ronald Reagan. (Nota da IHU On-Line)

5 Timothy Franz Geithner (1961): nono presidente do Banco da Reserva Federal de Nova Iorque. Por inerência é também vice-chairman do Federal Open Market Committee (FOMC). Foi nomeado secretário do Tesouro dos Estados Unidos durante o governo Obama e tomou posse do cargo em 26 de janeiro de 2009. (Nota da IHU On-Line)

6 Lawrence H. Summers (1954): economista estadunidense. Foi secretário do Tesouro dos Estados Unidos da América no último ano e meio da presidência de Bill Clinton. Antes disso, havia sido vice-secretário do Tesouro sob a gestão de Robert Rubin. Sobrinho de dois ganhadores do Prêmio Nobel (Paul Samuelson e Kenneth Arrow), estudou no Massachusetts Institute of Technology e em Harvard. Após sair do governo Clinton, tornou-se presidente da Universidade Harvard. (Nota da IHU On-Line)

sul, que é o mais atingido. Aliás, quando se estabeleceu o euro como moeda única para 16 países, a conclusão lógica teria sido a união política. Foi o que, na época, o primeiro ministro alemão, Helmut Kohl⁷, havia dito. A união política é indispensável quando se estabelece uma moeda única, como foi o caso da própria unificação da Alemanha no século XIX. A ausência da união política é a causa básica do que está acontecendo na Europa. Já nos Estados Unidos, em que também existem estados da união com problemas mais graves do que outros, há uma unificação política, há um orçamento e uma política econômica federal. Na Europa, ao contrário, existe uma moeda única, que impede os países afetados pela crise de desvalorizarem as suas moedas como uma forma de se recuperarem. Por outro lado, não há uma união que obrigue todos os países a cortarem o déficit na mesma porcentagem, como existe nos Estados Unidos e no Brasil, ou qualquer país em que haja uma união política.

O ponto fraco

O ponto fraco do euro não foi a ideia da moeda em si, mas o fato de que os políticos europeus aceitaram estender o euro a países muito heterogêneos e muito mais débeis economicamente do que aquele núcleo original. Quando aceitaram o ingresso na área do euro de países que tinham uma competitividade muito menor, criaram uma situação complicada, até com repercussão no Brasil. No momento em que países como Portugal ou Espanha passaram a fazer parte da zona do euro, esses países começaram a ter acesso a recursos financeiros dos grandes mercados financeiros europeus, como Frankfurt e outros, a custos muito baixos, não porque a economia portuguesa ou espanhola justificasse isso, mas porque se via, no fato de eles pertencerem ao euro, uma garantia. Foi com isso que eles levantaram recursos com os quais compraram as empresas no Brasil. Por exemplo, a privatização das telecomunicações aqui no país, ou as operações feitas pelo Santander foram feitas

“Há um conjunto de problemas muito grandes, ainda de incerta solução, que terão repercussão em outros países, inclusive na América Latina e no Brasil”

com recursos levantados nos mercados europeus. Isso gerou não só operações desse tipo na América Latina, mas provocou bolhas na Espanha e na Irlanda. Esses foram dois países que se caracterizaram por bolhas no mercado imobiliário, como nos Estados Unidos, e no mercado de ações, o que passou a provocar uma euforia enorme, um efeito extraordinário de entrada de capitais europeus. Agora, neste momento, se vê que esses são países frágeis, que começam a perder o acesso fácil aos mercados financeiros que, no fundo, nunca deveriam ter tido. O problema é que é muito difícil para esses países readquirirem a competitividade nas regras do euro. No sistema anterior, o que teria acontecido é que países como Espanha, Portugal, Itália, Irlanda e Grécia teriam desvalorizado a sua moeda. Com isso, teriam aumentado muito as suas exportações e reduzido as suas importações, e iriam se ajustando por esse processo. No momento atual, não podem fazer isso, porque, embora o euro tenha perdido um pouco do seu valor em relação ao dólar, essa relativa desorganização do euro não é suficiente, porque esses países fazem mais o seu comércio dentro da área do euro. Então, o único caminho que eles têm é reduzir os custos internos, e um deles é o salário, o custo da mão-de-obra. Portanto, é um caminho doloroso, porque significa que, nesses países de menor competitividade, a reconquista dessa capacidade competitiva vai ter que passar por um rebaixamento de salários e vantagens que a população gozava até hoje.

Europa e Brasil: semelhanças e reflexos

Aliás, não é uma situação muito diferente daquela em que o Brasil se encontra hoje em dia. Embora ninguém aqui tenha feito a aproximação, no Brasil, não por causa do euro, mas porque nós temos um Banco Central que tem permitido a apreciação constante do Real, o comércio exterior também está se deteriorando. O Brasil também está numa situação em que cada vez depende mais de poupança externa, porque seu déficit em contas correntes está aumentando. A nossa dívida também está sofrendo o impacto disso e, no caso do Brasil, a recuperação da economia e do setor externo dependeria ou da desvalorização da moeda - o que o Banco Central não permite - ou então de medidas que teriam que afetar o nível de consumo da população. É uma situação que, embora menos grave e aguda nesse momento, dentro de alguns meses, vai se aproximar gradualmente da situação dos europeus, caso algo não mude. Não é uma situação, em essência, muito diferente daquela vivida pelos países que estão perdendo competitividade. A prova é que, no Brasil, nos três primeiros meses deste ano, o déficit do setor da indústria mais sofisticada, que é a eletrônica, de telecomunicações, de automóveis e máquinas, foi de quase 14 bilhões de dólares, mostrando que estamos perdendo competitividade. As importações no Brasil, nesse momento, estão crescendo num ritmo três vezes maior do que as exportações. Isso deve ter se atenuado um pouco agora, nos últimos dias, devido ao fato de que a crise europeia provocou um aumento no valor do dólar.

É importante ter em mente que a situação europeia é preocupante para o Brasil por dois lados: pelo comércio e pela questão dos investimentos. Pelo comércio, porque tanto o Brasil como a América do Sul dependem muito da exportação de produtos primários, de commodities. 85% da exportação dos países sul-americanos é de petróleo, cobre, níquel, minério de ferro e produtos agrícolas em geral, mesmo que sejam pouco elaborados. Desse total, a China absorve mais ou menos 40% ou

⁷ Helmut Kohl (1930) foi chanceler da Alemanha, de 1982 a 1998. É católico e político democrata cristão. (Nota da IHU On-Line)

45%. A Europa vem em segundo e absorve de 35% a 40%, muito mais que os Estados Unidos. Portanto, na medida em que a recuperação econômica europeia se torne mais lenta e que haja menos demanda europeia por esses produtos, isso vai afetar, em primeiro lugar, os preços, e depois pode afetar até o volume das exportações. O segundo problema é a questão dos investimentos. Boa parte dos investimentos do Brasil e de alguns países da América do Sul vem desses países europeus (Espanha, Portugal), que já investiram aqui em telecomunicações, em bancos. É claro que, na medida em que os países de origem se vejam afetados e tenham menor acesso ao levantamento de recursos, também é mais difícil eles continuarem a enviar recursos para cá. O provável é que eles continuem a fazer como estão fazendo agora, remetendo recursos do Brasil para seus países de origem. Se isso continuar, pode incidir sobre um movimento que já está ocorrendo no Brasil, que é uma deterioração muito rápida das contas correntes, entre outras razões, pela remessa de lucros, dividendos etc.

IHU On-Line - Com o fim da terceira via e de outros modelos que já demonstraram fracassar, que alternativas podem ser apontadas no sentido de um novo modelo de organização social e econômica das nossas sociedades?

Rubens Ricupero - É difícil, a essa altura, refletindo sobre o que está ocorrendo, discernir as linhas gerais do que pode sair disso, porque, em momentos de crise, a atenção se focaliza mesmo é na gestão da crise, na busca de uma solução, e não tanto em desígnios mais ambiciosos, de longo prazo. Embora isso possa interessar pessoas que especulam, que não estejam diretamente ligadas ao dia-a-dia econômico, esse é um tema que está praticamente ausente da agenda do grupo dos 20 ou das grandes reuniões de coordenação econômica. É como um incêndio. Naquele momento, os bombeiros estão querendo apagar o fogo, ninguém está pensando em como se vai reconstruir o edifício; isso fica para depois. O que se pode dizer é que, talvez, o que se vai procurar é um reforço da posição

“O Brasil deveria ter uma diplomacia de conteúdo moral muito mais forte do que atualmente, em que ela é muito calculista. É muito importante que o Brasil siga princípios éticos mais exigentes de conduta”

de regulamentação e fiscalização do Estado, um maior equilíbrio do setor financeiro em relação a outros setores e, sem dúvida nenhuma, terá que se caminhar para uma situação em que se tenha mais equilíbrio entre a remuneração do capital e a do trabalho, porque, ultimamente, o que houve foi um reforço muito grande da remuneração do capital financeiro em detrimento do trabalho, dos salários reais, que ficaram estagnados. Em muitos desses países que têm consumo insuficiente, o fato se deu porque houve um reforço muito grande dos ganhos do capital. Isso aponta para uma sociedade mais equilibrada, mais justa, mas isso a longo prazo. A curtíssimo prazo, o problema que vai dominar, em termos realísticos, é a questão da crise.

IHU On-Line - O senhor, como ex-embaixador brasileiro, como analisa a diplomacia brasileira em relação ao Irã e como isso se relaciona com a nova configuração econômica e política que parece surgir neste contexto de crise? Por que defende que Lula merece aplausos?

Rubens Ricupero - Eu faço uma distinção entre dois aspectos no caso do Irã. A busca de uma solução pacífica e negociada, evitando um confronto bélico, é algo que merece, como eu disse, aplausos. É uma satisfação para nós que o Brasil tenha procurado desempenhar um papel assim, embora acredite que

esse acordo que se celebrou sempre foi apenas parcial. O outro aspecto da relação com o Irã, que é reprovável, é que se trata de um estado repressivo, uma teocracia, um tipo de organização que o Brasil rejeita fortemente para si próprio. O Brasil é um estado em que a religião é separada do governo, e todas as religiões são iguais, todas têm liberdade. O Irã é um regime organizado de acordo com regras de uma determinada tendência religiosa. Não se justifica de forma alguma que o Brasil estabeleça com o Irã uma relação estratégica. Sou favorável à ação do presidente Lula apenas na questão da busca da paz, não em relação aos direitos humanos, nem em relação ao caráter repressivo do país ou em relação à negação do holocausto. Penso que um país como o Brasil, que não tem poder militar, nuclear, que só tem o que os teóricos chamam de *soft power*, que é o poder do exemplo, do prestígio, da influência, deveria ser, particularmente, modelar no apoio aos direitos humanos, a uma solução do aquecimento global no interesse de toda a humanidade, bem como no reforço às regras de desarmamento. O Brasil deveria ter uma diplomacia de conteúdo moral muito mais forte do que atualmente, em que ela é muito calculista. É muito importante que o Brasil siga princípios éticos mais exigentes de conduta.

IHU On-Line - Como os países emergentes devem se posicionar nesse cenário de crise da zona do euro e da crise financeira que, desde 2007, vem abalando o mundo?

Rubens Ricupero - O papel dos países emergentes tem sido muito bem encarnado pelo Brasil. No grupo dos 20, o Brasil tem tido uma ação admirável, porque temos procurado salientar que é importante aumentar o rigor da regulamentação dos mercados financeiros e da fiscalização, como fazemos aqui, para evitar que isso se repita; conter o poder do setor financeiro e, por outro lado, aumentar a participação de países em desenvolvimento em órgãos como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial, a fim de colocar esses órgãos mais a serviço desses países mais frágeis. Principalmente, é preciso dar muita atenção ao impacto que essa

“É preciso dar muita atenção ao impacto que essa crise pode ter sobre os mais vulneráveis, que são os países extremamente pobres, que dependem muito da cooperação internacional e que são os mais atingidos”

crise pode ter sobre os mais vulneráveis, que são os países extremamente pobres, que dependem muito da cooperação internacional e que são os mais atingidos. É o caso de muitos países africanos, que são extraordinariamente pobres. Acho que o Brasil tem atuado bem nessa direção e tem contado com o apoio de alguns outros que também são emergentes, como a Índia, por exemplo, que tem a mesma posição. É nessa direção que devemos continuar a nos empenhar, de ter um sistema financeiro internacional mais equilibrado e que abandone aquela postura que os americanos favoreceram até um passado recente, de querer forçar todos os países a uma liberalização financeira, que acabou conduzindo a esta crise. Mas é importante impedir que essa tendência volte, uma vez que o setor financeiro tem muita influência junto às autoridades dos Estados Unidos.

LEIA MAIS...

>> Rubens Ricupero já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line.

* “Brasil só pode competir com os gigantes na área da agricultura”. Edição número 267, de 04-08-2008, disponível em <http://migre.me/H2Pt>;

* “Vivemos uma desindustrialização precoce”. Edição 218, de 07-05-2008, disponível em <http://migre.me/H2Tt>;

* A teologia e a ideia de desenvolvimento nacional. Edição 103, de 31-05-2004; disponível em <http://migre.me/H2UR>

O momento neoliberal do capitalismo terminou. Qual será o novo momento?

Luiz Gonzaga Belluzzo afirma que ainda é difícil projetar o que vai ficar no lugar do capitalismo atual, mas aponta o predomínio do capital financeiro como um dos fatores dos desequilíbrios

POR GRAZIELA WOLFART, MÁRCIA JUNGES E PATRICIA FACHIN

Ao refletir sobre as consequências da crise na zona do euro, o professor Luiz Gonzaga Belluzzo defende que “o tipo de capitalismo que vai surgir dependerá muito da luta social, da formação do imaginário popular, que, na verdade, não depende muito dos iluminados, mas da capacidade de informação e compreensão do que realmente aconteceu”. E completa: “isso vai se formar na luta política”. Na entrevista que concedeu, por telefone, para a IHU On-Line, ele antevê que “esse capitalismo dos últimos 30 anos, sobretudo desde a desfiguração do estado do bem-estar na Europa e do avanço do projeto neoliberal, é um modelo que terminou”. Na visão de Belluzzo, “o que está em risco nesse momento - e a crise europeia mostra isso com muita clareza - é a infraestrutura do mercado, constituída pelo crédito e pela questão da riqueza monetária e financeira. Essa infraestrutura está colocando em risco o funcionamento do mercado, da oferta de trabalho, da demanda de bens etc. E a manutenção dessa relação de domínio pode jogar a sociedade numa crise muito prolongada”. No entanto, enfatiza: “teremos ainda muito chão para percorrer até chegar a uma reconfiguração das relações entre as finanças, mercados, empresas e governos”.

Luiz Gonzaga Belluzzo é graduado em Direito pela Universidade de São Paulo - USP, mestre em Economia Industrial pelo Instituto Latino-Americano de Planificação-Cepal, e doutor em Economia pela Universidade de Campinas - Unicamp. Atualmente, é professor do Instituto de Economia da Unicamp e editor da revista Carta Capital. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Que capitalismo se configura a partir da crise do euro e das demais crises financeiras internacionais que assistimos desde 2007?

Luiz Gonzaga Belluzzo - Isso é algo que não dá para determinar, mas podemos fazer conjecturas. O que está claro é que o tipo de capitalismo que vai surgir dependerá muito da luta social, da formação do imaginário popular, que, na verdade, não de-

pende muito dos iluminados, mas da capacidade de informação e compreensão do que realmente aconteceu. Isso vai se formar na luta política. Vejamos a reação dos gregos e a reação dos sindicatos na Espanha. Taremos que repensar o papel do povo e como ele se reorganiza para elaborar coletivamente essa proposta. O que posso antever é que esse capitalismo dos últimos 30 anos, sobretudo desde a desfiguração do estado do

bem-estar na Europa e do avanço do projeto neoliberal, é um modelo que terminou. Talvez as forças que o sustentam vão tentar mantê-lo ainda na UTI, mas ele não vai conseguir sobreviver, pois não tem viabilidade, não há compatibilidade com as promessas de vida boa e decente para todos os cidadãos, portanto, de manutenção e garantia dos direitos de cidadania, que foram conquistados a ferro e fogo nos anos 20, 30 e 40, depois de duas guerras mundiais. Isso não foi dado de graça, mas instituído e universalizado para os países desenvolvidos nos anos 50 e 60. Esse estilo de sociedade, de vida e de convivência foi progressivamente sendo deformado pelo avanço do projeto neoliberal. Esse momento da vida do capitalismo terminou. O que vai ficar no lugar é muito difícil de projetar, mas, certamente, teremos mudanças importantes. Mesmo os governos mais conservadores veem, no predomínio do capital financeiro, um dos fatores dos desequilíbrios. Isso está claro. Provavelmente, a finança, como uma instância coletiva da vida econômica (porque é a gestão de massas de recursos que pertencem a muitos, envolve a gestão do crédito, que, na verdade, é uma incumbência privada de um bem público), passará a ser fortemente regulada pelo Estado, se é que não vai ocorrer uma crescente estatização dessas relações para que o próprio mercado possa sobreviver. O que está em risco nesse momento - e a crise europeia mostra isso com muita clareza - é a infraestrutura do mercado, constituída pelo crédito e pela questão da riqueza monetária e financeira. Essa infraestrutura está colocando em risco o funcionamento do mercado, da oferta de trabalho, da demanda de bens etc. E a manutenção dessa relação de domínio pode jogar a sociedade numa crise muito prolongada.

IHU On-Line - Quais as consequências sociais da redução do estado de bem-estar social? Qual sua análise de uma possível revolta social?

Luiz Gonzaga Belluzzo - Essa é uma questão central, assim como a emergência das massas, no final do século XIX e começo do século XX, foi uma

“Estamos diante de um novo acordo social que não vai ser feito sem vítimas”

questão colocada para o capitalismo e que só se resolveu depois de 30, 40 anos de crises e conflitos. A grande panaceia, que foi recomendada pelos liberais - e em seguida por muitos outros -, da flexibilização dos mercados de trabalho, na verdade, não conseguiu abolir todas as conquistas do estado de bem-estar, senão estaríamos hoje numa situação de conflito aberto. No entanto, o nível de proteção caiu muito. O desemprego nos países que executaram essas políticas, desde países do leste europeu, recém saídos do socialismo real, até os países que conseguiram construir estruturas de produção muito avançadas, desenvolvem o desmonte ou a desfiguração social, o que levou a um aumento brutal das taxas de desemprego. Estamos diante de um novo acordo social que não vai ser feito sem vítimas. Mas isso não será dado pelos poderosos de graça. É só observar o que aconteceu no mercado de trabalho americano. Ficou claro que os empregos criados foram de baixa qualidade e baixa remuneração, o que explica a queda do rendimento médio naquele país. A queda foi impressionante para a maioria da população, e foi substituída pela fúria do endividamento, o que tornou a economia “imanejável” num determinado momento. Não sei como isso será encaminhado, porque noto, no governo americano e mesmo nos governos europeus, uma certa hesitação e um comprometimento muito grande das lideranças com a dominância dos mercados financeiros. Isso será muito solapado pelo inconformismo popular em função dessas relações. Mas teremos ainda muito chão para percorrer até chegar a uma reconfiguração das relações entre as finanças, mercados, empresas e governos.

IHU On-Line - Pensando em reformar o antigo modelo econômico e social

que rege nossas sociedades, o que faria parte de um híbrido modelo novo? É possível, nesse novo modelo, contemplar a questão ecológica?

Luiz Gonzaga Belluzzo - A questão ecológica é central hoje, bem como o estilo de desenvolvimento. Não podemos nos tornar antinômicos ao desenvolvimento econômico, à melhoria na vida das pessoas, por conta das conquistas que já foram realizadas no âmbito tecnológico e produtivo. O problema é que é preciso tornar cada vez mais disponíveis para a maioria da população, e em condições de sobrevivência humana adequada, esses benefícios que foram criados pelo progresso tecnológico. Então, é preciso lembrar o que muitos autores já disseram; e vou lembrar especialmente Keynes¹, nas *Perspectivas econômicas para os nossos netos*, que antecipou corretamente que teríamos uma abundância tanto na produção de alimentos como na produção de outros bens materiais. Mas essa abundância precisaria ser muito bem conduzida para que os homens aumentassem o seu tempo livre, com a cultura, entretenimento, esporte, para que pudessem viver uma vida mais completa. Isso é o que está inscrito nas consignas da Revolução Francesa e do Iluminismo: que os homens tenham uma vida mais completa, no sentido de mais humana, e, como ser histórico, desenvolvam as potencialidades e inventem outras além daquelas que já possuem. Essa que deve ser a regra. Isso não pode ser deixado à espontaneidade dos mercados, assim como o homem também sabe que não pode deixar certos processos entregues à fúria da natureza. E, ao mesmo tempo em que não se deve provocar

¹ John Maynard Keynes (1883-1946): economista e financista britânico. Sua *Teoria geral do emprego, do juro e do dinheiro* (1936) é uma das obras mais importantes da economia. Esse livro transformou a teoria e a política econômicas, e ainda hoje serve de base à política econômica da maioria dos países não-comunistas. Confira um artigo nos *Cadernos IHU ideias* número 37, de 2005, intitulado *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes*, de autoria do Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho, disponível para download em <http://migre.me/HTUV>. Leia, também, a edição 276 da *IHU On-Line*, de 06-10-2008, intitulada *A crise financeira internacional. O retorno de Keynes*, disponível para download em <http://migre.me/HTVP>. (Nota da IHU On-Line)

e machucar a natureza, também não podemos permitir que ela lance seus processos cegos em cima da vida humana. Isso é muito parecido com o que aconteceu com o mercado financeiro. O que se disse, falou e escreveu sobre a racionalidade, sobre os mercados perfeitos, entregou o mundo a uma insensibilidade econômica, financeira e social que não pode mais ser tolerada. Isso só pode ser feito com uma disciplina em cima da movimentação e da negociação dos instrumentos que representam a riqueza abstrata. Mas as pessoas não estão interessadas nisso. Elas estão interessadas, no fundo, em viver decentemente, com uma diversidade de atividades, de estilos de vida e de instituições que possam satisfazer o desenvolvimento da chamada natureza humana. Aliás, o homem não tem natureza, ele é um ser histórico que desenvolve suas potencialidades a partir daquilo que consegue construir.

IHU On-Line - A crise abre que caminhos para os países emergentes? É possível, a partir desta perspectiva, vislumbrar uma mudança nos rumos da condução do capitalismo?

Luiz Gonzaga Belluzzo - Esse é um fenômeno que estamos observando agora. Objetivamente, sem fazer nenhuma consideração de ordem política ou subjetiva, o Brasil, a China, a Rússia e a Índia já têm uma presença muito maior no comércio, na estrutura da produção mundial e politicamente estão ganhando espaço. Em minha opinião, estão sabendo conduzir isso com muita sabedoria, como mostra a recente intervenção do Brasil no caso do Irã. E isso contra toda a evidência de que os Estados Unidos não estão dispostos a aceitar qualquer acordo, porque interessa manter o demônio vivo; é preciso ter algum demônio para que o poder absoluto se afirme. E o Brasil deu um passo importante, com muita cautela e habilidade para se intrometer entre esse impulso ao poder absoluto e o desejo de sobrevivência dos mais frágeis. Não se trata de justificar a atitude do Irã, mas vamos combinar que os Estados Unidos não querem, não desejam esse acordo, porque ele retira muitas das razões que movem a

“Noto, no governo americano e mesmo nos governos europeus, uma certa hesitação e um comprometimento muito grande das lideranças com a dominância dos mercados financeiros”

política americana. Do ponto de vista econômico e político, os países emergentes têm um papel muito importante de mediação e têm condições de fazer isso, não só na órbita das negociações econômicas, na reforma financeira internacional, na reforma monetária, mas também no que diz respeito à negociação política.

IHU On-Line - O modelo chinês indica novos caminhos para a economia e o capitalismo? O Brasil deve seguir esse modelo?

Luiz Gonzaga Belluzzo - O modelo chinês tem também a sua determinação histórica. Ele surge no momento em que a economia mundial estava se movendo, sobretudo por conta da expansão da grande empresa americana, em direção à chamada globalização. O modelo chinês é fruto de uma percepção da reconfiguração geoeconômica que estava acontecendo no mundo, e a China foi uma das maiores beneficiárias disso. O modelo chinês combinou o máximo de controle com o máximo de concorrência e construiu, na China e na Ásia, um bloco manufatureiro muito importante. Acontece que a crise vai exigir que a China também altere as suas formas de crescimento. Ela dependia muito do consumidor americano, que hoje está comprometido com o alto grau de endividamento. E não é só isso. Não é possível reproduzir o modelo americano, esse que prevaleceu nos últimos anos, com endividamento

alto e queda dos rendimentos reais. Isso tinha como contrapartida o crescimento industrial da China, a produção com baixo custo, com grande eficiência e a graduação tecnológica muito rápida. A China foi importante para o Brasil porque, enquanto demandante de commodities, nos proporcionou um período de acumulação de reservas e de ganhos fiscais importantes. O Brasil conseguiu se equilibrar por conta da disponibilidade de recursos naturais. Mas acho que a China terá que reconfigurar seu estilo de desenvolvimento e se apoiar menos nas exportações e mais na demanda interna. Mas isso vai depender muito da capacidade e da disposição dos americanos em abrirem mão do controle exclusivo da moeda reserva. Isso tem uma importância crucial, porque diz respeito a como as relações de débito e crédito são denominadas; como o faturamento das exportações e importações é denominado; como as moedas nacionais se relacionam com a moeda reserva. Tudo isso está em questão, e não sei em quanto tempo vai se resolver. Talvez demore muito e, por isso, viveremos um tempo de confiança, descontinuidades e conflitos. No entanto, penso que é impossível não se levar em conta que essa constelação de países, especialmente a China, tem um papel crucial a desempenhar no cenário internacional.

IHU On-Line - Qual a importância da democracia nesse cenário mundial em que os eleitores e os governos nacionais podem muito pouco?

Luiz Gonzaga Belluzzo - Antes eu falava da luta social, e agora retomo o assunto. A democracia hoje tem tido um significado bastante limitado, quase que restrito ao momento das eleições. A participação popular nas decisões cruciais tem sido muito limitada, por conta do predomínio desta instância de controle e domínio financeiro. Vamos ver como os regimes e as sociedades, sobretudo a sociedade americana, responde a esse desafio. No caso dos Estados Unidos, estamos observando um crescimento impressionante dos movimentos conservadores. Isso tende a crescer na Europa também por con-

“É preciso inventar o emprego”

ta das dificuldades de emprego e dos conflitos com os imigrantes. Sempre, nesses momentos, a democracia verdadeira fica em questão e, ao mesmo tempo em que temos o surgimento de movimentos sociais progressistas mais consistentes, temos o crescimento das forças conservadoras de direita anti-democráticas. O que está em questão é a chamada radicalização da democracia.

IHU On-Line - Como a questão do desemprego se enquadra neste cenário de crise do euro?

Luiz Gonzaga Belluzzo - Essa é uma questão central, que não será resolvida por uma retomada do desenvolvimento convencional, tanto que as taxas de desemprego continuam muito altas, apesar, por exemplo, da economia americana estar se recuperando ligeiramente. As atividades tradicionais do mercado não vão gerar muito emprego. É preciso que os governos se empenhem nas políticas de emprego, em criar formas novas, relacionadas com a cultura, com o entretenimento, com o esporte. É preciso inventar o emprego. E, por isso mesmo, o governo deve aumentar o controle sobre a decisão de investir. É preciso socializar isso, senão teremos problemas de desajustes sociais sérios.

LEIA MAIS...

>> Luiz Gonzaga Belluzzo já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line:

* “Será difícil que o padrão que prevaleceu até hoje possa sobreviver”. Revista IHU On-Line nº 276, de 06-10-2008, disponível em <http://migre.me/GW4j>;

* “Nós fomos ultrapassados pelos outros, o que não quer dizer que isso seja um fenômeno insuperável”. Revista IHU On-Line nº 218, de 07-05-2007, disponível em <http://migre.me/GW40>;

* “Nós não temos uma definição exata nem da profundidade nem da extensão da crise”. Notícias do dia, de 02-03-2008, disponível em <http://migre.me/GW5h>.

“A liberalização está entrincheirada. Ela não morreu e, como Fênix, ressurgue das cinzas”

“No horizonte previsível, o capitalismo não sofrerá transformações importantes. A questão da regulação/intervenção versus livre mercado está na própria origem do sistema. Esta é, de fato, uma questão pendular”, afirma o economista Reinaldo Gonçalves

POR GRAZIELA WOLFART, MÁRCIA JUNGES E PATRICIA FACHIN

“**A**s consequências são previsíveis. Espera-se o maior esgarçamento do tecido social (via, por exemplo, contração do grau de universalização dos direitos sociais e econômicos), piora nas condições de trabalho, maior exploração do trabalhador, concentração da riqueza e da renda e crescente tensão nas relações, processos e estruturas políticas”, afirma Reinaldo Gonçalves, em entrevista concedida à IHU On-Line por email. Segundo ele, “a Grécia é um ‘vagão de 3ª classe’ no cenário internacional. Se este país não estivesse na zona do euro, a crise grega não teria um milésimo da repercussão que tem tido. Insisto que não há uma crise na zona do euro”. E continua: “O que ocorre na Grécia atualmente é um fenômeno bastante conhecido no Brasil e no restante da América Latina. Ou seja, houve aumento extraordinário do passivo externo que levou a percepção de risco a níveis críticos. Nenhuma novidade para nós, inclusive no passado recente”. E Reinaldo Gonçalves alerta: “Parte da crise da Grécia é explicada pelos gastos extraordinários provocados pelas Olimpíadas em Atenas, em 2004. Em sociedades com frágil institucionalidade, megaprojetos são o fértil campo de cultivo de práticas de corrupção e da incompetência”. Tendo em vista a realização da Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016, “há alta probabilidade que o Brasil cometa os mesmos erros dos gregos (endividamento interno e, principalmente, externo) que quebrarão as finanças públicas e o sistema financeiro brasileiro no pós 2014-16. Fica o alerta porque a consequência é o país entrar em mais uma longa trajetória de instabilidade e crise”, afirma. O economista conclui a entrevista com uma descrição do que é ser esquerda no momento atual.

Reinaldo Gonçalves é professor de Economia Internacional na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Entre outros, é autor (em coautoria com Luiz Filgueiras) do livro *A Economia Política do Governo Lula* (Rio de Janeiro: Contraponto, 2007). Confira a entrevista..

IHU On-Line - Em sua opinião, qual o resultado da recente crise do euro? O que esse episódio revela sobre possíveis mudanças no cenário econômico mundial?

Reinaldo Gonçalves - Não há uma “crise do euro”, e sim uma crise localizada na zona do euro. A União Europeia, bem como o subsistema monetário europeu (zona do euro) é marcada por forte assimetria. A atual crise é, fundamentalmente, financeira, e está localizada, principalmente, na Grécia, e com risco de atingir, de forma mais aguda, outros países como Portugal, Irlanda e Espanha. A desvalorização do euro não é, por si só, um problema para os países europeus. Na realidade, esta desvalorização permite aumentar as exportações, ao mesmo tempo em que reduz as importações. Ou seja, a desvalorização do euro é muito útil para promover a retomada do crescimento. O problema das graves crises localizadas em países de pouca importância (como Grécia e Portugal) é que o mercado fica operando num contexto de maior incerteza frente aos cenários futuros de intervenção para enfrentar estas crises. Como estes países estão na zona do euro, os atores protagonistas são a Alemanha e a França. Por um lado, os dirigentes alemães estão focados na proteção dos seus bancos, principalmente aqueles que fizeram operações de grande risco na periferia da Europa e que, agora, enfrentam problemas. Daí a reação do governo alemão no sentido de maior regulamentação dos seus bancos. Por outro lado, para o governo da Grécia, a regionalização da crise é útil visto que seus objetivos são evitar a quebra do seu sistema financeiro (grandes bancos), obter taxas de juros internacionais menores para financiar o serviço do passivo externo e usar os esquemas plurilateral (União Europeia) e multilateral (FMI). Estes esquemas permitem a obtenção de recursos externos como também legitimar medidas duras de ajuste que implicam queda do nível de bem-estar da maioria da população.

IHU On-Line - Que tipo de capitalismo surge a partir deste episódio?

Reinaldo Gonçalves - No horizonte pre-

“A atual crise é, fundamentalmente, financeira, e está localizada, principalmente, na Grécia, e com risco de atingir, de forma mais aguda, outros países como Portugal, Irlanda e Espanha”

visível, o capitalismo não sofrerá transformações importantes. A questão da regulação/intervenção *versus* livre mercado está na própria origem do sistema. Esta é, de fato, uma questão pendular. Ou seja, em fases ascendentes do ciclo econômico, o capital pressiona e obtém maior liberdade de atuação, e, nas fases descendentes, o Estado, atendendo às pressões dos trabalhadores, à própria necessidade de governabilidade e aos interesses do grande capital, passa a ser pró-ativo na intervenção, protecionismo e regulação. No processo de proteção frente ao “moinho satânico”¹ do mercado, o Estado protege o grande capital nacional. Portanto, no horizonte de curto e médio prazo, haverá pressão e implementação de medidas de intervenção, proteção e regulação; porém, quando o espectro de crise desaparecer do cenário, retorna a pressão para a liberalização, desregulamentação e privatização. Em outras palavras, o capital tem como um dos seus “pecados originais” a síndrome da privatização dos benefícios (próprios da fase ascendente do ciclo econômico) e da socialização dos prejuízos próprios das crises econômicas.

IHU On-Line - Quais são as consequências de um possível dismantelamento do estado de bem-estar social?

Reinaldo Gonçalves - As consequên-

cias são previsíveis. Espera-se o maior esgarçamento do tecido social (via, por exemplo, contração do grau de universalização dos direitos sociais e econômicos), piora nas condições de trabalho, maior exploração do trabalhador, concentração da riqueza e da renda e crescente tensão nas relações, processos e estruturas políticas. A institucionalidade também sofre abalos em decorrência do acirramento da disputa pelos recursos controlados pelo Estado. Ou seja, aumenta a rivalidade entre grupos e classes sociais. Isto não é, necessariamente, um problema. Ele pode ter resultados positivos. O caso recentíssimo é a tentativa do governo dos EUA de implementar uma reforma socialmente mais justa do sistema de saúde. Outro exemplo, a sociedade grega “pede a cabeça” dos dirigentes políticos que, de uma forma ou de outra, foram responsáveis pela crise recente. Na atualidade, a institucionalidade da União Europeia está sofrendo as consequências da crise. Esta pode ser a oportunidade para se questionar se, efetivamente, a estratégia de ampliação do esquema implica benefícios líquidos para os atores protagonicos.

IHU On-Line - Em que medida a crise na zona do euro pode ser exemplo para as demais economias do planeta?

Reinaldo Gonçalves - A Grécia é um “vagão de 3ª classe” no cenário internacional. Se este país não estivesse na zona do euro, a crise grega não teria um milésimo da repercussão que tem tido. Insisto que não há uma crise na zona do euro. Na Alemanha, por exemplo, há um nítido processo de recuperação. Em 2009, a renda alemã caiu 5%, mas, para 2010 e 2011, as previsões são de crescimento de 1,2% e 1,7% respectivamente. A retomada do comércio internacional é um dos fatores determinantes. A desvalorização do euro dá um reforço à enorme competitividade internacional da Alemanha. No que se refere às lições que podemos aprender com os gregos, vale destacar que não há nada de novo. De fato, o que ocorre na Grécia atualmente é um fenômeno bastante conhecido no Brasil e no restante da América La-

¹ A expressão é de Karl Polanyi (Nota da IHU On-Line)

tina. Ou seja, houve aumento extraordinário do passivo externo que levou a percepção de risco a níveis críticos. Nenhuma novidade para nós, inclusive no passado recente!

IHU On-Line - Como o Brasil pode aprender com o episódio e em que medida a política econômica do governo Lula se relaciona com esta questão?

Reinaldo Gonçalves - Quanto ao presente e ao futuro do Brasil, a questão-chave é, mais uma vez, o passivo externo. A estratégia e a política econômica do governo Lula têm implicado um crescimento do passivo externo do país. Déficit de transações correntes de US\$ 60 bilhões em 2010 significa aumento não desprezível do passivo externo. Esta é uma cessão de direitos que envolvem fluxos de pagamento de juros, lucros e dividendos. Durante o governo Lula, houve crescimento elevado do passivo externo e destes fluxos e, portanto, maiores necessidades de financiamento externo. Este é um problema estrutural e, certamente, fará parte da “herança maldita” do governo Lula. Cabe, ainda, chamar atenção para riscos futuros, associados aos megaprojetos de gastos públicos relacionados a eventos como Copa do Mundo de futebol, em 2014, e Olimpíadas em 2016. Parte da crise da Grécia é explicada pelos gastos extraordinários provocados pelas Olimpíadas em Atenas, em 2004. Em sociedades com frágil institucionalidade, megaprojetos são o fértil campo de cultivo de práticas de corrupção e da incompetência. Há alta probabilidade que o Brasil cometa os mesmos erros dos gregos (endividamento interno e, principalmente, externo) que quebrarão as finanças públicas e o sistema financeiro brasileiro no pós 2014-16! Fica o alerta porque a consequência é o país entrar em mais uma longa trajetória de instabilidade e crise.

IHU On-Line - Qual o futuro da proposta de livre mercado, sem regulação do Estado?

Reinaldo Gonçalves - A liberalização está entrincheirada. Ela não morreu e, como Fênix, ela ressurgiu das cinzas.

A questão central é que livre mercado e intervenção/regulação são os “dois lados da moeda” do capitalismo. É um pêndulo eterno, pelo menos enquanto durar o capitalismo! As experiências, por exemplo, da Alemanha e dos países nórdicos mostram que mais concorrência pode estar associada a mais regulação/intervenção. Nas “transformações genéticas” como o sistema chinês, onde o capitalismo mais dinâmico do planeta é comandado pelo Estado comunista, a extraordinária rivalidade no mercado internacional (no qual a China é “maratonista”) tem como contrapartida, no plano interno da China, um igualmente extraordinário aparato regulatório e interventor. Ou seja, o

“A institucionalidade também sofre abalos em decorrência do acirramento da disputa pelos recursos controlados pelo Estado. Ou seja, aumenta a rivalidade entre grupos e classes sociais”

capitalismo “campeão mundial” é o capitalismo que tem como pilar central o Estado-nacional altamente interventor e regulador, pilotado ditatorialmente por um partido comunista que aloca oportunidades de negócios para associados dos grupos dirigentes.

IHU On-Line - O que caracteriza a mudança que temos acompanhado na Europa e no mundo todo, de certa maneira, na forma de viver e trabalhar?

Reinaldo Gonçalves - Na realidade, não há nada de muito novo. É a velha história: *Plus ça change, plus c'est la même m...* Certamente, as tensões próprias às crises implicam piora na

qualidade de vida e nas condições de trabalho. Por outro lado, há o lado positivo que é o mecanismo desafio-resposta. Ou seja, frente aos problemas, as sociedades tendem a reagir de uma forma ou de outra. Estas reações podem ser na direção de um caminho favorável ou não. Cabem aqui duas comparações. A primeira é a Alemanha do pós I Grande Guerra, que escolheu o caminho do nazismo, da guerra, da derrota e do sofrimento. Por outro lado, no pós II Grande Guerra, a Alemanha fez escolhas corretas que geraram uma das mais ricas e estáveis sociedades do mundo. A segunda comparação refere-se ao Brasil que, frente à crise do final dos anos 1920, foi capaz de dar um salto quântico e entrou na trajetória desenvolvimentista que durou até 1979. Por outro lado, o Brasil dos últimos 20 anos optou por um Modelo Liberal Periférico de segunda ou terceira classe que implica crescente vulnerabilidade externa estrutural nas esferas comercial (reprimarização), produtiva (internacionalização sem competitividade), tecnológica (ineficiência sistêmica) e financeira (liberalização e desregulamentação).

IHU On-Line - Qual sua opinião sobre programas de renda mínima no cenário econômico e financeiro mundial?

Reinaldo Gonçalves - Programas de renda mínima, transferência previdenciária, ajustes de salário mínimo e câmbio apreciado são paliativos que mascaram a enorme concentração de riqueza e só marginalmente afetam a distribuição intrarrenda do trabalhador e dos grupos de menor renda. Eles são elementos auxiliares em um processo efetivamente transformador da sociedade, mas são entraves caso eles desviem, sufoquem ou inibam os esforços de efetivas mudanças estruturais. Este fenômeno é exatamente o que está acontecendo em países como Brasil, Colômbia, Paraguai e México que seguem variações do modelo liberal periférico. Quem quiser saber mais sobre este modelo no Brasil, recomendando o livro (em coautoria com Luiz Filgueiras) “*A Economia Política do Governo Lula*” (Rio de Janeiro: Contraponto, 2007).

IHU On-Line - Simplesmente condenar o capitalismo não é a saída. Que caminhos o senhor vislumbra?

Reinaldo Gonçalves - Antes de mais nada, precisamos escapar das fortes limitações das visões das “raparigas em flor do keynesianismo” e dos “heróis em sangue do marxismo”. Penso que as escolhas e os caminhos são, sem dúvida, pela esquerda. Insisto que este caminho significa reconhecer que o capitalismo é um sistema irracional que inibe a capacidade do ser humano dar sentido à vida, ou seja, viver com dignidade, felicidade e liberdade. Ser de esquerda é o combate permanente por um projeto de orientação socialista. É ignorância imaginar que ser de esquerda se restringe a defender bandeiras como progresso econômico, reforma social, democracia, integração regional e interesses nacionais. O centro e a direita também defendem estas bandeiras, de uma forma ou de outra. É má-fé imaginar que a distinção entre esquerda e direita se restringe ao ideário econômico via armadilha binária “estado *versus* mercado”. Defender um Estado que é capturado por grupos dirigentes corruptos não é ser de esquerda. Ser de esquerda implica combater implacavelmente estes grupos dirigentes e os setores dominantes retrógrados. Ser de esquerda implica compromisso com distribuição de riqueza (maior igualdade possível na distribuição de riqueza, renda e conhecimento), controle social do estado (combater a apropriação do estado por grupos dirigentes e grupos econômicos) e uso social do excedente econômico (tributação, planejamento e propriedade pública dos principais meios de produção). Ser de esquerda implica rejeitar tanto a política externa do “virallata” como a do “camaleão falante” baseada em um anti-imperialismo retórico, ocasional e superficial. Ser de esquerda é contrariar o agronegócio e procurar o fortalecimento do padrão de comércio e a rejeição da reprimarização do comércio via *commodities*; ser de esquerda é contrariar o capital internacional e ter uma política seletiva e criteriosa em relação aos investimentos de empresas estrangeiras, e não estimular e financiar com recursos públicos todo e qualquer tipo de investimento externo direto; ser

de esquerda é reduzir as transferências de recursos para os rentistas da dívida pública e procurar investir pesadamente na maior capacitação tecnológica com saltos quantitativos e qualitativos na educação e no sistema nacional de inovações; ser de esquerda é contrariar os bancos nacionais e os estrangeiros e controlar os fluxos financeiros internacionais sem dar tratamento especial a estes fluxos. Ser de esquerda é não fazer aliança com países avançados, como os EUA, para fechar rodadas de negociação da OMC somente para favorecer o agonegócio. Ser de esquerda é não aceitar o pagamento de pedágio para participar de fóruns internacionais de eficácia duvidosa, como o G-20 financeiro. Ser de esquerda é rejeitar reforçar o capital de instituições financeiras multilaterais como FMI e o Banco Mundial cujas políticas tendem a submeter países frágeis a práticas que atendem, principalmente, aos interesses do capital internacional. Ser de esquerda é entender que os principais adversários das transformações estruturais e de modelo estão dentro do próprio país. Ser de esquerda é reconhecer que há um enorme hiato entre o poder potencial e o poder efetivo do Brasil na arena internacional. Ser de esquerda é saber que, com as escolhas certas e as transformações estruturais, o país só terá peso efetivamente relevante no cenário internacional quando reduzir sua enorme vulnerabilidade externa estrutural e suas extraordinárias fragilidades internas, inclusive, as sociais e institucionais.

LEIA MAIS...

>> Reinaldo Gonçalves já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. O material está disponível na página eletrônica do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

- “Capitalismo de compadres”. MP 443 e o balcão de negócios. Publicada nas Notícias do Dia do sítio do IHU em 30-10-2008 e disponível em <http://migre.me/HUwp>;
- Fracasso para o governo, vitória para o povo brasileiro. Publicada em 02-08-2008 e disponível em <http://migre.me/HUy8>;
- O combate à desregulamentação financeira americana. Ainda há tempo? Publicada na IHU On-Line número 253, de 07-04-2008, disponível em <http://migre.me/HUze>;
- * “O capitalismo é essencialmente um sistema irracional, instável e injusto”. Publicada na IHU On-Line número 387, de 30-03-2009, disponível em <http://migre.me/HUAr>.



Orações Ilustradas.

Acesse em www.ihu.unisinos.br

“O mercado somente funciona com a ‘mão visível’ do Estado”

Há relação entre o cenário atual na Europa com o “modelo social europeu”, mas sobretudo um desdobramento da crise financeira internacional de 2008-09, aponta o economista Fernando Ferrari. De acordo com ele, o modelo de “bem-estar social” precisa ser reconsiderado

POR GRAZIELA WOLFART, MÁRCIA JUNGES E PATRÍCIA FACHIN

“Eu diria que, em parte, a atual crise fiscal e financeira dos países do PIIGE (anagrama para Portugal, Irlanda, Itália, Grécia e Espanha) está relacionada ao chamado ‘modelo social europeu’, mas entendo que ela é predominantemente um desdobramento da crise financeira internacional de 2008-09”. A afirmação é do economista Fernando Ferrari na entrevista exclusiva que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**. Em seu ponto de vista, é preciso reconsiderar o modelo de “bem-estar social”. E completa: “As críticas que se fazem ao sistema de proteção social não são somente à Europa, mas às economias de bem-estar social (ou daquilo que ainda restou) como um todo. São críticas daqueles que entendem que deve haver um Estado Mínimo, responsável somente pela segurança e aos direitos à propriedade privada”. Ele explica que Estado e mercado são duas instituições interdependentes: “o mercado somente funciona com a ‘mão visível’ do Estado”.

Fernando Ferrari Filho é graduado em Economia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mestre em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), doutor em Economia pela Universidade de São Paulo (USP), e pós-doutor pela University of Tennessee System (1996). Atualmente, é professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Publicou, nos Cadernos IHU ideias nº 37, o artigo *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes*. O texto está disponível para download em <http://migre.me/GIII>. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Pensando no endividamento causado pelo chamado “modelo social europeu” que rumos a economia mundial pode começar a tomar a partir deste episódio? Qual é a novidade que ele traz?

Fernando Ferrari - Eu diria que, em parte, a atual crise fiscal e financeira dos países do PIIGE (anagrama para Portugal, Irlanda, Itália, Grécia e Espanha) está relacionada ao chamado “modelo social europeu”, mas entendo que ela é predominantemente um desdobramento da crise financeira internacional de 2008-09. Por quê? Porque, por um lado, as políticas monetárias e, principalmente, fiscais, implementadas nos países desenvolvidos (em especial Estados Unidos e países da zona do euro) acabaram gerando desequilíbrios fiscais expressivos. Nesse particular, países

não tão dinâmicos, como os países do PIIGE, acabam tendo dificuldades para gerenciar seus desequilíbrios fiscais. Por outro, o sistema financeiro europeu foi contagiado pela crise do subprime, bem como houve, também, inflação de ativos nos países da zona do euro, em especial na Espanha (setor imobiliário) e na Irlanda (setor de tecnologia), entre outros.

IHU On-Line - A demonstração de fraqueza do euro deixa transparecer que sinal em relação ao modelo econômico e social mundial?

Fernando Ferrari - No momento em que os países da zona do euro passam por um processo de ajuste fiscal para que as metas fiscais estabelecidas pelo Tratado de Maastricht¹ sejam

1 O Tratado de Maastricht, também conhecido como Tratado da União Europeia (TUE) foi assinado em 7 de fevereiro de 1992 na cidade

cumpridas, com certeza, o modelo de “bem-estar social” deverá ser reconsiderado. A questão central é que países como a Inglaterra, a Alemanha e a França, em menor escala, têm condições de passar por um processo de austeridade fiscal, ao passo que países como a Grécia, a Espanha e Portugal, menos pujantes economicamente e com uma distribuição de renda menos equânime, não podem prescindir de políticas fiscais contracíclicas.

IHU On-Line - Como vê iniciativas como a da união monetária europeia? Como projetos assim podem

holandesa de Maastricht. Foi um marco significativo no processo de unificação europeia, fixando que a integração econômica até então existente entre diversos países europeus se somaria uma unificação política. O seu resultado mais evidente foi a substituição da denominação Comunidade Europeia pelo termo atual União Europeia. (Nota da IHU On-Line)

funcionar sem uma disciplina fiscal comum e sem uma “governança econômica”?

Fernando Ferrari - Além dos problemas fiscais e financeiros que os países da zona do euro enfrentam, há uma outra questão a ser considerada: a adesão, em um futuro próximo, dos países do leste europeu na zona do euro criará dificuldades adicionais para a zona do euro. Por quê? Porque quando os referidos países aderirem ao euro, a “governança econômica” (associada ao Pacto de Estabilidade e Crescimento) será colocada em xeque sempre que houver turbulências econômicas, pois a economia da zona do euro tornar-se-á bastante heterogênea (em tamanho, performance, inserção externa etc.).

IHU On-Line - Quais as principais críticas que vêm sendo feitas ao sistema de proteção social da Europa e quais as consequências que essa rede tem provocado no cenário econômico da zona do euro?

Fernando Ferrari - As críticas que se fazem ao sistema de proteção social não são somente à Europa, mas às economias de bem-estar social (ou daquilo que ainda restou) como um todo. São críticas daqueles que entendem que deve haver um Estado Mínimo, responsável somente pela segurança e aos direitos à propriedade privada. As críticas são direcionadas tanto aos programas de saúde, como direito universal do governo Obama, quanto aos programas sociais (Bolsa Família) do governo Lula da Silva. No mundo pós-crise do subprime, espero e torço para que a ideia de Estado Mínimo perca, definitivamente, espaço.

IHU On-Line - Quais as contribuições que o governo Lula pode oferecer no sentido de pensar um novo modelo, alternativo ao capitalismo neoliberal?

Fernando Ferrari - A solução parcial para a crise financeira (considero parcial, pois ainda há desdobramentos delas) está relacionada à operacionalização de políticas fiscal e monetária contracíclicas e à intervenção do Estado. Ademais, a reestruturação do sistema monetário internacional (redefinição do papel da moeda universal, controle de capitais etc.) é fundamen-

tal para que economias monetárias, inerentemente instáveis, possam conviver com crises financeiras. Estado e mercado são duas instituições interdependentes: o mercado somente funciona com a “mão visível” do Estado.

IHU On-Line - Que pensadores clássicos da economia podem ajudar a pensar em alternativas ao modelo econômico e social que rege a Europa e o mundo hoje? Como seria esse modelo novo?

Fernando Ferrari - Na área da Economia, com certeza, as ideias e proposições de J. M. Keynes são uma referência. Em termos de modelo, talvez a rearticulação do nacional-desenvolvimentismo, contextualizado em mundo global, seja interessante. Nesse particular, as proposições apresentadas pelo ex-Ministro da Fazenda Luiz Carlos Bresser-Pereira² são interessantes. Enfim, regulação dos mercados financeiros e ações dos Big Governamnet e Big Bank (expressões cunhadas por H. Minsky³) devem fazer parte da “institucionalidade” do modelo econômico alternativo.

LEIA MAIS...

Confira outras entrevistas concedidas por Fernando Ferrari Filho à IHU On-Line.

* Uma política econômica única e exclusivamente para controlar a dinâmica inflacionária. Revista IHU On-Line nº 204, de 13-11-2006, disponível para download em <http://migre.me/GINg>

* Programa de aceleração do crescimento. Um ano depois. Notícias do Dia 23-01-2008, disponível para download em <http://migre.me/GINU>

* A “mão invisível” do mercado não funciona sem a “mão visível” do Estado. Revista IHU On-Line nº 276, de 06-10-2008, disponível para download em <http://migre.me/GLMj>

² Luiz Carlos Bresser Gonçalves Pereira (1934): economista, cientista político e político brasileiro. Foi ministro da Fazenda do Brasil durante o governo José Sarney. Foi ministro da Administração Federal e Reforma do Estado em todo o primeiro mandato presidencial de Fernando Henrique Cardoso (1995-1998) e Ministro da Ciência e Tecnologia nos primeiros seis meses do segundo mandato, permanecendo nesse cargo até o dia 19 de julho de 1999. cursou a Faculdade de Direito da USP, é mestre em administração de empresas pela Michigan State University, doutor e livre docente em economia pela USP. (Nota da IHU On-Line)

³ Hyman Minsky (1919-1996): economista americano pós-keynesiano, autoridade em teoria monetária e instituições financeiras. Foi membro do Departamento de Economia da Universidade de Washington. (Nota da IHU On-Line)

Leias as Notícias do Dia em
www.ihu.unisinos.br

A deterioração econômica da Europa

Ainda é cedo para se falar em um colapso para o futuro próximo, mas os conflitos sociais e a recessão tendem a aumentar nesse continente e no mundo após a crise do euro, pontua o sociólogo James Petras. China e Brasil emergem como potencialidades nesse cenário

POR GRAZIELA WOLFART, MÁRCIA JUNGES E PATRICIA FACHIN | TRADUÇÃO LUCAS SCHLUPP

A pesar de não ver um colapso para um futuro próximo, o sociólogo norte-americano James Petras vislumbra “possibilidades de recessão e de aumento nos conflitos sociais”. Na entrevista que concedeu, por telefone, à **IHU On-Line**, ele sentencia que “estamos entrando num período de deterioração econômica na Europa”. As revoltas sociais estão acontecendo em países específicos, e não há uma revolta social geral. As lutas dos trabalhadores querem, no fundo, manter o status quo, evitando o regresso de direitos já adquiridos. O que é paradoxal, observa Petras, é que eles se valem de medidas radicais para defender esse status quo. Já os capitalistas usam medidas legais para destruir esse cenário. Em sua opinião, após essa crise do euro, “haverá uma reorganização da política em um espectro bem polarizado entre a direita e a esquerda”. Além disso, aponta que a terceira via chegou ao seu limite, sobretudo na Inglaterra e França, em específico, e na Europa, como um todo. Na verdade, diz ele, a terceira via não era uma terceira via: “Era uma forma de liberdade de mercado capitalista com aumento nos gastos sociais, sem a realização de mudanças estruturais”. Petras adverte, também, para a compreensão de que a globalização significa, entre outras coisas, a integração de todas as economias, o que faz com que a crise do euro afete diretamente os EUA de inúmeras formas.

James Petras é professor emérito de Sociologia na Universidade Binghamton, em Nova York. Kursou a graduação na Universidade de Boston e o doutorado na Universidade da Califórnia, em Berkeley. É autor de mais de 62 livros, publicados em 29 línguas, entre os quais citamos *A mudança social na América Latina* (2000), *Globalização: O imperialismo do século XXI* (2001), *Sistema em crise* (2003) e *Multinacionais Trial* (2006). Entre 1973 e 1976, foi membro do Tribunal Bertrand Russel sobre a repressão na América Latina. Atualmente, escreve uma coluna semanal para o jornal mexicano, *La Jornada*. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são as perspectivas apontadas pelo governo Obama diante deste cenário de crise do euro?

James Petras - Em primeiro lugar, penso que é importante lembrarmos que a globalização significa integração de todas as economias, pelo menos as que estão profundamente incorporadas no mercado mundial. Assim, tudo aquilo que acontece na Europa, particularmente a crise do euro, afeta fundamentalmente os Estados Unidos de diversas maneiras. Afeta a capacidade dos exportadores americanos competirem com os europeus, pois o baixo preço do euro torna os exportadores europeus muito mais competitivos. Inevitavelmente, se o

euro cria uma crise de grande proporção, também afeta os Estados Unidos, que investiram pesado na Europa, particularmente nas linhas de crédito imobiliário. Dessa forma, a crise espalha-se do sul da Europa para o norte, e do norte europeu para os Estados Unidos, levando a uma “recessão dupla” (*Double dip recession*), que é a reversão da recuperação, que tem demonstrado alguns sinais, retornando a uma recessão, a um crescimento negativo.

Uma terceira coisa é que já estamos percebendo, nos Estados Unidos e no norte da Europa, mas, particularmente, na Grécia, Espanha e Portugal, um processo de reversão dos ganhos sociais. Isso é um efeito dominó em que

as tentativas dos governos para impor o custo da crise na classe trabalhadora, nos sindicatos, causam um efeito profundo nos padrões de vida. Eu não consigo ver como isso pode não acabar aumentando os conflitos sociais. Agora, os principais conflitos estão nas áreas diretamente afetadas. Na Grécia, há uma greve geral afetando em torno de 60% do efetivo, 90% do efetivo público em Atenas, e já atingiu o setor privado. Essa é a expressão militante mais visível de uma rejeição intensa.

Autoritarismo capitalista

Na Espanha, há sinais de greve geral. Em Portugal os sindicatos rejeita-

ram o plano de Sócrates¹, de cortes nas áreas sociais. E eu acho que há uma possibilidade de que, de acordo com os desdobramentos de programas como estes, no restante da Europa, as relações de capital de trabalho serão afetadas num futuro não tão distante. Além disso, virtualmente, não há sindicatos nos Estados Unidos. Temos 93% de trabalhadores no setor privado que não são filiados a sindicatos, e os sindicatos do setor público são legalmente proibidos de aderirem a greves. Então, virtualmente, não há resistência organizada contra estes programas nos Estados Unidos. É muito similar a um modelo autoritário, onde o capital faz o que bem entende, o governo faz o que bem entende. A manifestação nos Estados Unidos é muito confusa. É feita de forma que o descontentamento social não se expressa muito em um protesto social ou movimentos em massa. Porque o que temos de organizações trabalhistas é dirigido por milionários dirigentes dos sindicatos. Eu não sei se vocês sabem aí no Brasil, mas praticamente todos os líderes sindicais ganham mais de US\$350 mil por ano. Então eles não possuem qualquer interesse em ter engajamento nestas atividades. O que acontece nos Estados Unidos é que as pessoas expressam sua irritação através de processos políticos, principalmente as eleições. Paradoxalmente, e por isso eu acho um pouco ruim, eles estão expressando isto através da rejeição dos que buscam os cargos administrativos na política, não importando se são republicanos ou democratas. Em muitos casos, suportam candidatos de direita que estão utilizando um *red alert* [expressão utilizada para uma “chamada de atenção”, originalmente utilizada para avisos de ataques aéreos iminentes] *antipolítico*. Assim, nos Estados Unidos, diferentemente de qualquer

outro país, o descontentamento da classe trabalhadora - descontentamento popular -, está sendo direcionado à extrema direita. Vemos isso nas eleições primárias ocorridas na semana passada, onde houve candidatos que usam um *red alert* anti-Washington, e não oferecem uma solução social real. Na verdade, suas posições são geralmente mais de direita do que a do Obama, que representa, pode-se dizer, uma posição de centro-direita. Temos essas consequências, hoje, no que se refere ao euro. Você começa com uma crise no sul da Europa que se amplia para a União Europeia, vai além do domínio monetário e, por fim, acaba afetando os Estados Unidos.

Agora, a única ressalva é a discussão de se isto afetará a Ásia, que, nos

**“Penso que devemos
entender que o
crescimento do capital,
hoje, o mínimo que seja,
está sendo amplamente
financiado por uma
batalha entre os salários
e o bem-estar”**

últimos 18 meses, desenvolveu uma espécie de autonomia, diferente da vista nos Estados Unidos e Europa. A China ainda cresce, como a Índia, Coreia e Taiwan. A China está desenvolvendo laços com a América Latina, o que é um fator muito importante em países como o Brasil e a Argentina, para saírem da recessão de forma muito rápida por causa da dinâmica das novas parcerias entre a América Latina e a Ásia.

IHU On-Line - Em quais aspectos o modelo chinês pode indicar novos caminhos a partir da crise da moeda europeia?

James Petras - Bem, há várias coisas a serem ditas, tanto negativas quanto

positivas, a respeito do modelo chinês. Primeiro, o modelo chinês demonstra que uma economia diversificada, especialmente arraigada no setor produtivo: indústria, agricultura e campos relacionados à construção e infraestrutura, tem claramente demonstrado sua superioridade em relação a um modelo centralizado no sistema financeiro. Em segundo, o modelo chinês demonstra que a atividade do mercado é muito mais eficaz na distribuição de recursos do que os estruturados sobre as forças armadas, como os Estados Unidos e seus aliados na Europa. Bem, os Estados Unidos estão gastando mais de um trilhão de dólares nas guerras do Afeganistão e no Iraque, e nos atritos bélicos com o Irã, Somália, Lêmen etc. Os chineses investiram mais de 130 bilhões de dólares no Irã, novos projetos na África e empreendimentos conjuntos com o Brasil. Então, vemos estes aspectos positivos do modelo chinês. O que há de negativo, e que está criando contradições sociais, é a ampliação da diferença entre as classes, entre os ricos e os pobres, entre a costa e o interior do país. E isso é o que está criando grande descontentamento, e sendo demonstrado em greves e mobilizações populares. A não ser que o governo chinês saiba lidar com a fragilidade da divisão social, verá que a estabilidade, que é necessária, ficará em perigo.

IHU On-Line - Se as economias britânica e europeia entrarem em colapso, quais os rumos da situação econômica e financeira mundial?

James Petras - Na verdade, não vejo um colapso em um futuro próximo. Eu vejo possibilidades de recessão e possibilidades de aumento nos conflitos sociais. Mas um colapso completo, penso que talvez ocorra em algum momento num futuro distante. Presumindo isto, acredito que haverá uma reorganização da política em um espectro bem polarizado entre a direita e a esquerda, com a direita utilizando um plano racista anti-imigrante, culpando os imigrantes pelos problemas, talvez até encorajando fomentos contra supostos inimigos. Mas eu penso que o problema central, em relação à direita, hoje, e as classes governan-

¹ José Sócrates Carvalho Pinto de Sousa (1957): político português. É o atual primeiro-ministro de Portugal desde 12 de março de 2005, e secretário-geral do Partido Socialista desde Setembro de 2004. Durante o segundo semestre de 2007 assumiu, por inerência, a presidência rotativa do Conselho da União Europeia. José Sócrates é licenciado em Engenharia Civil pela extinta Universidade Independente (Lisboa, 1996) e frequentou, sem concluir, o mestrado em gestão de empresas do IISCTE (Lisboa, 2005). (Nota da IHU On-Line)

tes, é o fato de que o elo fraco são os países do Leste Europeu, como Letônia e Romênia, que possuem 25% de desemprego, e estão propondo cortes de 30% nos salários e pensões, e onde um descontentamento está começando a aparecer. Fato semelhante se dá no Sul Europeu, em que a Grécia entrou num período de alto endividamento. Estas quitações são empréstimos, não são presentes ou doações. É impossível visualizar a Grécia quitando tais dívidas com os bancos do norte europeu. E esse é o ponto! Se os bancos não forem pagos, a Grécia terá que reorganizar todos os seus pagamentos ou optar pela inadimplência da dívida. E isto traria repercussões em toda a Europa e nos Estados Unidos.

O setor financeiro é o que pode detonar uma profunda crise econômica em um momento como este. E o problema da Grã-Bretanha é o excesso de déficit fiscal, o acúmulo de dívidas aparecendo. Inevitavelmente, haverá cortes realizados pelo novo governo de coalizão conservadora e liberal-democrata. Refiro-me a grandes cortes em saúde, educação e congelamento de salários. Acho que veremos uma renovação nas atividades sindicais da Inglaterra. Então, penso que estamos entrando num período de deterioração econômica na Europa. Paralelamente, haverá um pequeno *boom* nas exportações, causado pela desvalorização do euro. Exportações podem aumentar enquanto a crise financeira aprofunda, pelo menos por um curto prazo.

IHU On-Line - Os estados europeus de bem-estar social, tão afetados pelo endividamento e pelos déficits, serão capazes de resgatar suas finanças públicas e reformar suas economias sociais de mercado?

James Petras - Bem, a economia social de mercado está mais para o mercado do que para o social. Como mencionei anteriormente, houve ataques violentos à pensão, as idades mínimas para direito às pensões foram aumentadas, valores das pensões congelados, salários rebaixados, e os desempregados receberam ofertas de trabalho com salários bem menores do que os salários que ganhavam anteriormente.

“Liberais, conservadores, social-democratas, republicanos e democratas... Nenhuma destas opções demonstra qualquer capacidade de repensar o passado, e dizer: vejam, os modelos de desenvolvimento baseados no sistema financeiro: o turismo no sul, o bancário na Inglaterra, a dependência do financiamento das dívidas no leste europeu etc., não funcionam!”

Portanto, está havendo uma regressão geral que piorou o estado de bem-estar social, ao invés de melhorá-lo. O que acho, e deve ser dito, é que o “mercado social”, que surgiu na década de 60 e se desenvolveu até os anos 90, está fazendo o sentido inverso.

A segunda coisa é que, quando se fala da recuperação econômica, acho necessário colocar, no contexto, que há uma enorme transferência de riqueza através destes subsídios às empresas privadas e, em contrapartida, uma certa dureza para com as empresas. Então temos uma substituição enorme, através da agência do governo, de *income shares*, de salários, a lucros, rendas, royalties etc. E este tipo de recuperação me lembra um pouco do que disse o General Médici: “A eco-

nomia vai bem, mas o povo vai mal”. Penso que devemos entender que o crescimento do capital, hoje, o mínimo que seja, está sendo amplamente financiado por uma batalha entre os salários e o bem-estar.

IHU On-Line - Quais as consequências sociais da redução do estado de bem-estar social? Qual sua análise de uma possível revolta social?

James Petras - As revoltas sociais hoje estão focalizadas em países específicos. Isso precisa ser enfatizado. Não há uma revolta social geral. Há muito protesto na Grécia, uma movimentação social latente na Espanha, em Portugal e no leste europeu, particularmente, na Romênia e na Letônia, onde há indicações de possíveis movimentações sociais. Temos que colocar isto dentro do contexto: estas são lutas defensivas [protetivas]. São lutas para manter o *status quo*. Os trabalhadores estão empenhados em movimentos massivos para evitar o regresso. Estas não são lutas ofensivas para levar adiante interesses de trabalhadores, mas são para defender os salários, padrão de vida, pensões, empregos etc. O paradoxo é que eles utilizam medidas radicais para manter o *status quo*. Os capitalistas estão utilizando medidas legais para destruir o *status quo* e impor regras exclusivamente capitalistas sobre estes países. Se, ao longo do tempo, esse processo continuar, é difícil de imaginar que não haverá uma radicalização das lutas, passando de protestos pacíficos para confrontos mais violentos. Mas isto deve ser pensado ao longo de um bom tempo. Devemos lembrar que estamos falando de décadas de adaptação entre capital e trabalho. Falamos de décadas em que trabalhadores e funcionários, especialmente funcionários públicos, trabalharam através dos partidos, negociações e barganha. Portanto, isso está incorporado na consciência e na ideia de revoluções. Revoltas não são parte desta atuação. É um processo gradual em que as formas antigas já não têm mais efeito, e as novas formas ainda têm que ser colocadas em prática.

IHU On-Line - Em que aspectos o fim da terceira via aponta na direção de uma possível transição para um esvaziamento da política?

James Petras - Penso que a terceira via já chegou ao seu limite, especialmente na Europa e particularmente onde tudo começou, na Inglaterra. Vimos a saída do Partido Trabalhista e o colapso bancário, do sistema financeiro. A terceira via não era realmente uma terceira via. Era uma forma de liberdade de mercado capitalista com aumento nos gastos sociais, sem a realização de mudanças estruturais. Então, quando a crise financeira veio, teve um impacto muito grande. Pois, incorporado à realização das políticas, estavam as ideias de que o sistema financeiro deveria ser poupado acima de tudo. Portanto, nada foi feito para alterar as estruturas. Como resultado disso, temos uma segunda onda de tentativas de resgate do setor financeiro à custa dos trabalhadores e dos sistemas produtivos. Portanto, temos, no resgate financeiro, uma situação de caráter desagradável para com o público. Acredito que a terceira onda de gastos sociais e de liberdade de mercado é um dilema. A liberdade de mercado não está funcionando, e os gastos sociais estão acabando. Na verdade, estamos tendo uma re-tratação dos gastos sociais. Portanto, a terceira via morreu na Inglaterra, talvez até na França e no restante do continente.

A terceira via na América Latina

Tendo dito isto, vejamos a América Latina e o que está acontecendo nela. A terceira via está muito evidente nas práticas de algumas novas formas de governo de classe média, com governos como Lula e Evo Morales, que são essencialmente desenvolvimentistas. Não são reformadores, mas governos concentrados em encorajar a maximização de investimentos privados, investimentos estrangeiros, capitalistas nacionais etc, e combinam isto com os gastos sociais, particularmente nos chamados programas sociais. Não tocaram em nenhuma estrutura fundamental, como as bancárias, in-

“Virtualmente, não há sindicatos nos Estados Unidos. Temos 93% de trabalhadores no setor privado que não são filiados a sindicatos, e os sindicatos do setor público são legalmente proibidos de aderirem a greves”

dustriais, agrominerais, mas reforçaram-nas e as ampliaram. Portanto, a terceira via está em atividade no Brasil e na América Latina, neste momento. Mas, ao mesmo tempo em que há grande ênfase em encorajar investimentos privados e gastos com programas sociais, mantém-se os salários baixos. A chave dos programas desenvolvimentistas é a estabilidade social através da exploração da classe trabalhadora para pagar os programas para os pobres, enquanto se incentiva o grande capital. A diferença da terceira via no Brasil e na América Latina, é que ela está menos dependente do sistema financeiro do que estava na Inglaterra e nos Estados Unidos. Portanto, há uma diferença na composição da parceria entre o Estado e diferentes tipos de capital. Mas a ênfase unilateral no capitalismo, crescimento e investimento está presente, ao mesmo tempo em que a ausência de qualquer redistribuição significativa do produto social é muito evidente.

IHU On-Line - Podemos relacionar o fim da terceira via e a ruína do trabalhismo inglês com o colapso das finanças públicas europeias? O que esses dois fatos dizem sobre uma mudança de paradigma econômico e social?

James Petras - Bem, nós já temos uma mudança. Há o colapso dos sistemas fi-

nanceiros, orçamentos e um tremendo endividamento. Aqui podemos ter uma tentativa de criar um novo modelo em que o Estado possui um papel importante e crescente de regular a economia. Isto é, regular no sentido de restaurar as operações do sistema financeiro. As pessoas dizem que o Estado está mais envolvido agora do que esteve no passado, e isso é diferente. Mas temos que nos perguntar: que tipo de aumento na intervenção do Estado? Existe qualquer reequilíbrio da economia entre finanças e produção, indústria etc.? Não há qualquer reequilíbrio, mesmo nos Estados Unidos ou na Europa. Há mais intervenção do Estado, mais gastos estatais, mas estão sendo canalizados para as classes que criaram a crise. Nesta nova abordagem, temos capital financeiro do Estado como uma força motora. E nada tem realmente sido alterado em relação aos fundamentos. Ainda temos uma base econômica muito precária para qualquer tipo de renovação dos objetivos. E eu acho que o futuro do trabalho está apenas se direcionando no sentido de se tornar um desafio para os governos existentes. Quando digo governos, refiro-me aos liberais, conservadores, social-democratas, republicanos e democratas... Nenhuma destas opções demonstra qualquer capacidade de repensar o passado, e dizer: vejam, os modelos de desenvolvimento baseados no sistema financeiro: o turismo no sul, o bancário na Inglaterra, a dependência do financiamento das dívidas no leste europeu etc., não funcionam! Temos que repensar e voltar aos fundamentos da economia política, da necessidade de investimentos públicos, de propriedade pública, de maior grau de participação social na economia etc. Nada disto está nos planos. Acho que estes são planos futuros para a classe trabalhadora.

LEIA MAIS...

James Petras já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Confira:

- “A esquerda não pode ser um mero salva-vidas do capitalismo”. Revista IHU On-Line, número 287, de 30-03-2009, disponível para download em <http://migre.me/H4Mm>

“Criou-se uma moeda europeia, mas não um estado europeu”

Na Eurolândia, os aderentes perderam a política monetária e a cambial, mas não ganharam as políticas compensatórias, defende Fernando Cardim de Carvalho

POR GRAZIELA WOLFART, MÁRCIA JUNGES E PATRICIA FACHIN

“Quando o mundo ia bem, dava para adiar o juízo final através do endividamento público e privado. Quando os mercados de capitais secam, como ocorreu desde a crise de 2007, os problemas saltam aos olhos. Isso serve como uma advertência de que não adianta criar instituições unificadas, como uma moeda única, se não houver a vontade política de unificação”. A análise é do professor Fernando Cardim de Carvalho, em entrevista concedida, por e-mail, para a **IHU On-Line**. Ele defende que os mercados tendem a desandar quando deixados a si mesmos, “fragilizando a economia, causando desastres, gerando desemprego, e perda de renda e de produto”. E propõe: “os mercados financeiros devem ser preservados, mas estritamente regulados, como, aliás, o foram durante o período entre a depressão e a liberalização financeira dos anos 1980, quando praticamente não houve crises financeiras. Regulação estrita e atenta é a saída, eliminando os mitos liberais, e não a supressão dos mercados”. Para Fernando Cardim, “a saída pode estar em um estado ativo, mas contido, forte, controlado pela sociedade de forma realmente democrática, não na fantasia dos partidos únicos do século XX”.

Fernando José Cardim de Carvalho é mestre em Ciência Econômica pela Universidade Estadual de Campinas e doutor em Economia pela Rutgers, The State University of New Jersey. Atualmente, é consultor do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Tem experiência na área de Economia, com ênfase em Teoria Econômica. Confira a entrevista.

IHU On-Line - A partir da crise do euro, quais caminhos podemos apontar no sentido de uma nova organização da economia e da sociedade? Como seria essa organização?

Fernando Cardim - A crise do euro ressaltou uma contradição de origem na criação da moeda europeia. Moedas são criadas por estados que delegam esse poder, hoje em dia, para bancos centrais. No caso do euro, criou-se uma moeda europeia, mas não um estado europeu. A Europa continua dividida em países independentes, sem unidade política. Quando esses países aderem à moeda única, eles perdem a chance de fazer política monetária e política cambial. Num país, isso é compensado por outras políticas, como a política fiscal, a redistribuição de renda via gastos públicos, que taxam as áreas mais ricas e provem bens públicos em áreas mais pobres. Na Eu-

rolândia, os aderentes perderam a política monetária e a cambial, mas não ganharam as políticas compensatórias. Países menos competitivos, como os da orla mediterrânea, não sobrevivem à competição alemã, mas nada podem fazer para compensar isso. Quando o mundo ia bem, dava para adiar o juízo final através do endividamento público e privado. Quando os mercados de capitais secam, como ocorreu desde a crise de 2007, os problemas saltam aos olhos. Isso serve como uma advertência de que não adianta criar instituições unificadas, como uma moeda única, se não houver a vontade política de unificação.

IHU On-Line - Considerando a crise do atual modelo capitalista, qual deve ser o papel da economia financeira e monetária num cenário ideal futuro?

Fernando Cardim - Sistemas financeiros são essenciais para o funcionamento de economias capitalistas modernas. São eles que viabilizam a disponibilização de meios de pagamento para empresas que precisam viabilizar sua produção e seu investimento, e também o acesso de consumidores a bens de maior valor, como residências e bens de consumo durável. Mas, deixados a si mesmo, como proposto por ideólogos liberais, esses mercados tendem a desandar, fragilizando a economia, causando desastres, gerando desemprego, e perda de renda e de produto. Os mercados financeiros devem ser preservados, mas estritamente regulados, como, aliás, o foram durante o período entre a depressão e a liberalização financeira dos anos 1980, quando praticamente não houve crises financeiras. Regulação estrita e atenta é a saída, eliminando os mitos li-

berais, e não a supressão dos mercados.

IHU On-Line - Pensando em um novo modelo de organização econômica e social das sociedades hoje, qual deve ser o papel do Estado?

Fernando Cardim - Esta é a grande questão, para a qual não há resposta simples. O estado todo-poderoso das economias de comando do leste europeu e algumas outras áreas do mundo não apenas sacrificaram liberdades individuais imprescindíveis, como também se mostraram corruptos e ineficientes, desmoronando com uma facilidade e rapidez surpreendentes. O estado desinteressado em economia, preconizado pelos ideólogos liberais, levou à crise que se vive no momento, como a outras no passado. Mitificar o estado ou mitificar o mercado são duas faces da mesma moeda. A saída pode estar em um estado ativo, mas contido, forte, controlado pela sociedade de forma realmente democrática, não na fantasia dos partidos únicos do século XX. Pessoalmente, minhas utopias são suecas, não cubanas.

IHU On-Line - Considerando um possível dismantelamento do estado de bem-estar social na zona do euro, quais elementos da sociedade sofrerão as piores consequências?

Fernando Cardim - O estado de proteção social em si dificilmente será dismantelado. Pode haver uma redução de seus benefícios, especialmente em áreas periféricas, como o mediterrâneo europeu, mas o desmonte não está realmente no horizonte por ser completamente inviável. Seria mais provável um recuo da globalização financeira, que colocou os estados à mercê de mercados financeiros, ou mesmo da integração europeia que criou uma área mais inchada do que integrada, com seus 27 membros, do que um retrocesso político-social que levasse ao capitalismo selvagem do passado.

IHU On-Line - Como os economistas clássicos podem nos ajudar a pensar em alternativas a partir do cenário de crise internacional e da crise da zona do euro? Especificamente, que luzes Keynes pode trazer?

Fernando Cardim - O esquema que Keynes propôs em Bretton Woods¹, recusado pelos Estados Unidos, teria evitado pelo menos uma das características mais importantes dessa crise. Keynes propôs que desajustes como os que sofrem a Grécia, a Espanha, Portugal, e outros, com balanço de pagamentos deficitários e dependência de empréstimos externos, deveriam ser tratados não apenas impondo alguma austeridade a esses países como também impondo a países como Alemanha - que se beneficia desse desequilíbrio, vendendo muito e comprando pouco (com superávit no BP, portanto) - que gastassem mais. Se os alemães entendessem como deve funcionar uma economia capitalista, não estariam interessados apenas em vender, mas também em comprar, preservando assim a renda dos compradores dos quais, aliás, depende. Keynes propunha endurecer o jogo com os pródigos, mas também taxar os excedentes dos usurários, como a Alemanha. Isto é tão válido hoje como antes. Em outros aspectos, o mundo de hoje é muito diferente. Keynes propunha que movimentos de capitais fossem controlados pelos governos. Hoje em dia, a liberalização e a globalização financeira já foram longe demais. É mais difícil reverter isso do que teria sido manter o controle que existia no passado.

IHU On-Line - Por que o senhor acha que os modelos anteriores (terceira via, neoliberalismo, comunismo...) não deram mais certo?

Fernando Cardim - Porque a vida social é dinâmica, e projetos sociais inspirados em dogmas e ideologias raramente sobrevivem, porque tendem a se tornar inflexíveis demais para se ajustar às mudanças que o tempo traz. Terceira via não era nada, foi apenas ar quente criado por conservadores como Clin-

ton² e Blair³, para disfarçar sua opção aberta pela direita, ao qual aderiram outros, como F.H.C.⁴, para parecer modernos e integrados ao mundo ocidental. Já há algum tempo que a terceira via só é citada por humoristas e mesmo aí já não tem tanta graça como antes. O neoliberalismo, como o comunismo no século XX, são regimes rígidos, baseados em dogmas que não resistem ao confronto com o mundo real. O comunismo desapareceu primeiro porque começou antes, o neoliberalismo dificilmente sobreviverá à crise atual. Isso é bom, na verdade, porque o apego a dogmas impede o exercício da inteligência necessária para sobreviver em um mundo complexo.

BAÚ DA IHU ON-LINE

>> Confira outras edições da IHU On-Line relacionadas à temática discutida nesta edição. O material está disponível na nossa página eletrônica (www.ihu.unisinos.br)

* *O capitalismo cognitivo e a financeirização da economia. Crises e horizontes*. Edição número 301, publicada em 20-7-2009. Disponível no link <http://migre.me/pH7f>;

* *O mundo do trabalho e a crise sistêmica do capitalismo globalizado*. Edição número 291, de 4-5-2009. Acesse no endereço eletrônico <http://migre.me/pH8Q>;

* *A crise capitalista e a esquerda*. Edição número 287, publicada em 30-3-2009. Acesse no link <http://migre.me/pH9P>;

* *Alternativas energéticas em tempos de crise financeira e ambiental*. Edição número 285, publicada em 8-12-2008. Disponível no endereço eletrônico <http://migre.me/pHbx>;

* *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*. Edição número 278, de 21-10-2008. Acesse em <http://migre.me/pHco>;

* *A crise financeira internacional. O retorno de Keynes*. Edição número 276, de 6-10-2008. Disponível no link <http://migre.me/pHe0>;

* *A reestruturação do capitalismo brasileiro*. Edição número 322, de 22-03-2010. Disponível em <http://migre.me/HTr6>.

² William "Bill" Jefferson Clinton (1946): 42º presidente dos Estados Unidos, por dois mandatos, entre 1993 e 2001. Antes de servir como presidente, Clinton foi governador do estado do Arkansas por cinco mandatos. (Nota da IHU On-Line)

³ Anthony "Tony" Charles Lynton Blair (1953): político britânico, tendo ocupado o cargo de primeiro-ministro do Reino Unido de 2 de maio de 1997 a 27 de junho de 2007, de líder do Partido Trabalhista de 1994 a 2007 e de membro do Parlamento Britânico de 1983 a 2007. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Fernando Henrique Cardoso (1931): sociólogo e político brasileiro. Foi presidente do Brasil por dois mandatos, entre 1995 e 2002. FHC é cofundador do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira). (Nota da IHU On-Line)

¹ As conferências de Bretton Woods, definindo o Sistema Bretton Woods de gerenciamento econômico internacional, estabeleceram, em julho de 1944, as regras para as relações comerciais e financeiras entre os países mais industrializados do mundo. O sistema Bretton Woods foi o primeiro exemplo, na história mundial, de uma ordem monetária totalmente negociada, tendo como objetivo governar as relações monetárias entre Nações-Estado independentes. (Nota da IHU On-Line)



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

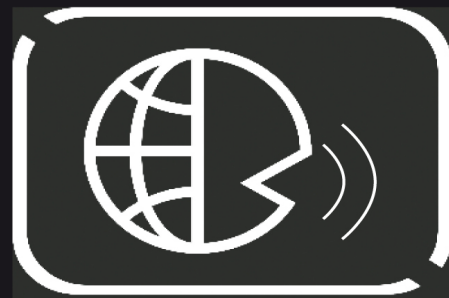
B.

Destques da Semana

ACESSE OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE.



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA
WWW.IHU.UNISINOS.BR



A comunicação para a cidadania na Internet

POR DÊNIS DE MORAES*

A arquitetura descentralizada e interativa da Internet vem se constituindo em ambiente propício para incrementar veiculações em favor de uma outra ordem social, fundada na partilha equânime das riquezas, nos direitos da cidadania, no desenvolvimento sustentável e na diversidade cultural. Na maior parte da rede mundial de computadores, não existem centros controladores, pontos fixos de enunciação, regras mercadológicas determinantes ou filtros ideológicos. A despeito da crescente comercialização de espaços virtuais, a variedade de usos da Internet tem favorecido práticas comunicacionais que propõem alternativas à lógica mercantil e aos monopólios de expressão predominantes nas indústrias de informação e entretenimento.

A comunicação em rede permite o entrosamento de grupos e comunidades em torno de objetivos consensuais, impulsionando sociabilidades à distância que estimulam aspirações convergentes e partilhas sem ambições lucrativas. Com isso, abre-se a chance de se formarem teias de afinidades e modalidades de difusão sem subordinação aos critérios midiáticos de seleção e hierarquização dos conteúdos em circulação.

As redes podem desempenhar um papel estratégico como elemen-

to organizador e articulador de movimentos reivindicatórios no seio da sociedade civil, sobretudo em torno de temas e anseios semelhantes, aí incluídas contestações ao modo de produção capitalista e à mercantilização dos bens simbólicos. As junções de interesses aparecem em listas de discussão, chats, correio eletrônico, redes sociais, fóruns, blogs e videoconferências. A instantaneidade, a transmissão descentralizada, a abrangência global, a rapidez e o barateamento de custos tornam-se vantagens ponderáveis.

A tecnologia avançada passa a ser utilizada como dispositivo de produção cognitiva e criativa para realçar ações sociopolíticas em escala global. Um bom exemplo são as coberturas compartilhadas de fóruns sociais. Agências de notícias e coletivos apropriam-se das ferramentas digitais para instituir permutas de textos, imagens e arquivos sonoros, ampliando a geração de conteúdos. As interpretações dos fatos tendem a diversificar-se, tornando possíveis manifestações do contraditório e a divulgação de questões sintonizadas com o ideal da emancipação.

Em tais dinâmicas colaborativas, é essencial gerar e socializar materiais noticiosos e conhecimentos, numa perspectiva crítica e participativa. O

* Professor do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense e pesquisador do CNPq e da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Autor de *A batalha da mídia* (2009) e organizador de *Mutações do visível: da comunicação de massa à comunicação em rede* (2010), entre outros livros.

trabalho compartilhado recusa tanto a transformação da informação em mercadoria quanto a sujeição dos processos jornalísticos à busca da mais-valia. A produção informativa insere-se em um espaço de pertencimento e cooperação, com base em modos flexíveis de organização, divisão e complementaridade de tarefas.

Os avanços já alcançados não devem, contudo, alimentar falsas ilusões. A Internet não tem o condão de suprimir barreiras entre os inforricos e os infopobres, embora contribua para a multiplicação das fontes de informação. Também não se trata de substituir o mundo vivido pela realidade virtual, nem de subestimar mediações sociais e mecanismos clássicos de representação política. O que se almeja é agregar aos meios convencionais as ferramentas viabilizadas pela digitalização.

Ainda é tímida a ressonância social das webmídias. Isso tem a ver com o cenário de forte concentração da mídia nas mãos de poucos grupos privados e dinastias familiares, com o consequente controle ideológico sobre o que é difundido. Outro obstáculo é a exclusão digital, em função de desigualdades socioeconômicas e descompassos entre países desenvolvidos e periféricos quanto ao acesso e ao usufruto das tecnologias.

Portanto, não basta ter o compromisso ético-político com a informação veraz e plural; é preciso contar com

“Mesmo com limitações e desafios a superar, o ecossistema da Internet oferece condições para se potencializar a participação de segmentos sociais empenhados na defesa de causas democráticas e do pluralismo, fazendo supor que, progressivamente, poderá contribuir para vulnerabilizar a cadeia viciosa de dependência à mídia hegemônica”

políticas consequentes e suportes técnicos capazes de intensificar fluxos alternativos de dados, sons e imagens - o que envolve custos, know how, infraestrutura adequada e capacitação.

A consolidação da comunicação contra-hegemônica em rede depende de uma série de fatores: 1) aumentar a sua visibilidade através de campanhas e ações específicas; 2) aproveitar recursos multimídias (blogs, twitter, vídeos, arquivos sonoros, avisos instantâneos por celulares, páginas wiki, plataformas php, tecnologia flash) e canais digitais (webtvs e web-rádios acessíveis por streaming); 3) tornar a linguagem editorial mais acessível; 4) incluir representantes da sociedade civil na gestão de redes públicas; 5) aumentar substancialmente o número de usuários, o que depende da superação de entraves econômicos e tecnológicos; 6) fomentar projetos de inclusão digital, conciliando soluções tecnológicas com programas educativos; 7) garantir formação técnica condizente a profissionais de comunicação; 8) captar patrocínios e publicidade não comercial; 9) universalizar a infraestrutura em banda larga.

À luz do exposto, podemos concluir que, mesmo com limitações e desafios a superar, o ecossistema da Internet oferece condições para se potencializar a participação de segmentos sociais empenhados na defesa de causas democráticas e do pluralismo, fazendo supor que, progressivamente, poderá contribuir para vulnerabilizar a cadeia viciosa de dependência à mídia hegemônica.

PPGCC UNISINOS
Especialização • Mestrado • Doutorado

Fone: (51) 3591.11.22
Ramal 1356

Para a Compreensão da Economia Política da Teledramaturgia



NÚCLEO DE ANÁLISE DA
TELEDRAMATURGIA

www.grupocepos.net/nat

Contatos:

nat@grupocepos.net

Val.bri@terra.com.br

Kalikoske@hotmail.com

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 18-5-2010 a 21-5-2010.



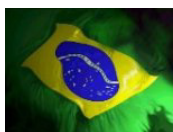
Fundos de pensão: o que são e para onde vão

Entrevista com Nelson Chalfun

Confira nas Notícias do Dia de 18-05-2010

Disponível no link <http://migre.me/GY8u>

O especialista explica o que são os fundos de pensão, qual a sua lógica de funcionamento, os significados do seu crescimento e sua força política.



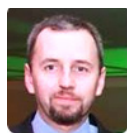
Observatório Social de Maringá e a educação fiscal

Entrevista com Carlos Anselmo

Confira nas Notícias do Dia de 19-05-2010

Disponível no link <http://migre.me/GYcc>

Atuando na formação educacional e na fiscalização dos gastos públicos, o Observatório Social de Maringá acompanha, em tempo real, todos os editais que são lançados pela prefeitura do município para aquisição de mercadorias.



Resíduo eletrônico: O que fazer?

Entrevista com Hugo Veit

Confira nas Notícias do Dia de 20-05-2010

Disponível no link <http://migre.me/GYeO>

Seu computador estraga ou você decide comprar um novo celular. O que você faz com o equipamento antigo? Segundo o professor de Engenharia de Materiais da UFRGS, os brasileiros produzem cerca de 300 mil toneladas de resíduo eletrônico anualmente. Infelizmente, o país ainda não tem locais apropriados para descarte desses equipamentos.



As usinas do Rio Tapajós em debate na Cartilha

Entrevista com Edilberto Sena

Confira nas Notícias do Dia de 21-05-2010

Disponível no link <http://migre.me/GYgV>

Criada com o intuito de sensibilizar as populações da região do Tapajós de maneira educativa, a Cartilha em Defesa do Rio Tapajós ilustra as verdades e mentiras sobre a construção de cinco hidrelétricas na Amazônia pelo governo federal.

Leia as Notícias do Dia no sítio do IHU
www.ihu.unisinos.br



IHU

ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

XI SIMPÓSIO INTERNACIONAL O (DES)GOVERNO DA VIDA HUMANA

13 a 16 de setembro de 2010

Informações e inscrições: www.ihu.unisinos.br

ou Central de Relacionamento Unisinos - (51) 3591 1122

Local: Unisinos • Anfiteatro Pe. Werner • Av. Unisinos, 950 • São Leopoldo • RS

HU: NO BIOPOLÍTICO NA

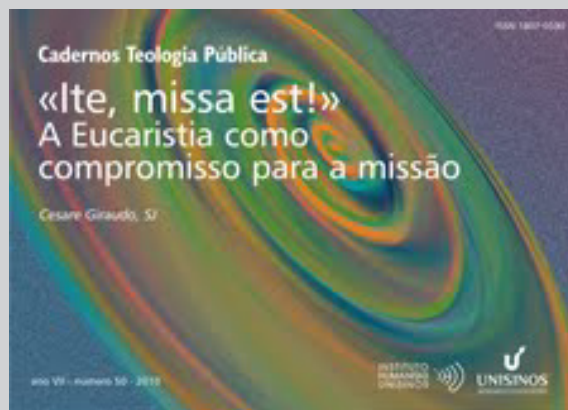
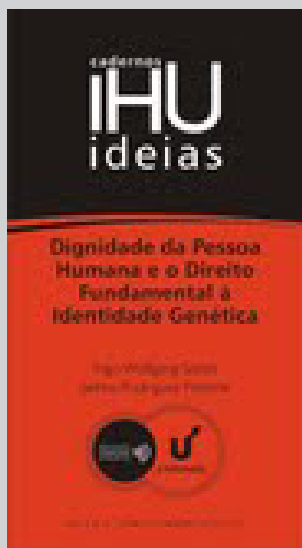
poio:



Promoção:



CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA
WWW.IHU.UNISINOS.BR

Agenda da Semana

Confira os eventos desta semana realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

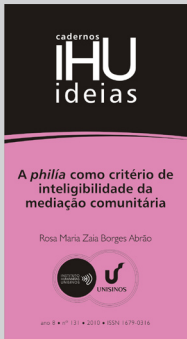
Dia 24/5/2010	
Evento: Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana Prof. Dr. Oswaldo Giacoia - Unicamp Nietzsche e o pensamento trágico Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Horário: 19h30min às 22h	
Evento: EAD - Espaço de Espiritualidade I - ABRIR OS OLHOS (5ª Edição)	
Dia 27/5/2010	
Evento: IHU ideias MS Antonio Machado da Silva - Instituto Humanitas Unisinos - IHU A deliberação pública e as políticas de reconhecimento de jovens em conflito com a lei Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Horário: 17h30min às 19h	
Dia 31/5/2010	
Evento: EAD - Espaço de Espiritualidade I - ABRIR OS OLHOS (5ª Edição)	

SIGA O TWITTER DO IHU



http://twitter.com/_ihu

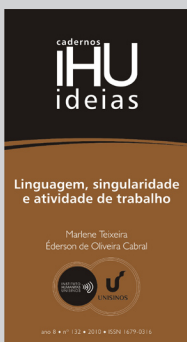
Publicações



>> A *philia* como critério de inteligibilidade da mediação comunitária

“Partindo-se da premissa de um mal-estar propagado pela deterioração

das relações sociais, como constante cada vez mais intensa nas sociedades contemporâneas, bem como de um relativismo dos parâmetros ético-sociais e de uma insuficiência dos mecanismos de resolução de conflitos sociais disponíveis”, a advogada Rosa Maria Zaia Borges Abrão revisita a teoria das virtudes de matriz aristotélica para resgatar um conceito que lhe é muito caro - o de *philia* - traduzido por amizade. Em seguida, a pesquisadora apresenta a amizade como constitutiva da racionalidade prática da mediação comunitária, na medida em que se traduz em uma perspectiva comunitária das relações sociais. A reflexão é desenvolvida na edição 131 dos *Cadernos IHU ideias*, disponível para download em <http://migre.me/HU6L>. Rosa Maria é professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS e vice-presidente da Associação Brasileira do Ensino do Direito - ABEDI.



>> Linguagem, singularidade e atividade de trabalho

O mundo do trabalho traz consigo um universo linguístico e simbólico, carregado de

hierarquizações, muitas vezes, não percebido por nós, influenciando em processos de dominação e exploração dos sujeitos. Desencobrir este fenômeno é a tarefa proposta pela professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Unisinos, Marlene Teixeira, e do mestrando em Linguística Aplicada, Éderson Oliveira, no texto *Linguagem, subjetividade e atividade de trabalho*, do *Cadernos IHU ideias*, nº 132. A publicação estará disponível para download no site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, www.ihu.unisinos.br, em formato PDF, a partir do dia 28 de maio.



>> O Deus vivo em perspectiva cósmica

O *Cadernos Teologia Pública* nº 51, intitulado *O Deus vivo em perspectiva cósmica*, é de autoria de Elizabeth A. Johnson. Mediante algumas considerações críticas sobre implicações da cosmologia contemporânea e da ética ecológica para a teologia da criação, a autora aponta possibilidades para uma reflexão sobre a questão de Deus em perspectiva cósmica. Elizabeth A. Johnson, C. S. J., Ph.D. em teologia, é professora da Fordham University, uma universidade jesuíta de Nova York, onde leciona teologia sistemática e teologia feminista. Faz parte do conselho Editorial dos periódicos *Theological Studies*, *Horizons: Journal of the College Theology Society* e *Theoforum*. A íntegra da edição nº 51 do *Cadernos Teologia Pública* estará disponível no site do

Instituto Humanitas Unisinos - IHU, www.ihu.unisinos.br, em formato PDF, a partir de 10 de junho.



>> De olho no Vale

O Observatório de Indicadores do Vale do Rio dos Sinos é um projeto do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Seu objetivo é reunir, analisar e publicar os dados da realidade, promovendo o debate sobre o seu impacto nas políticas públicas implementadas na região pelas notícias semanais de análises. Confira a seguir algumas matérias produzidas pelo Observatório dos Indicadores da Realidade e Políticas Públicas do Vale do Rio dos Sinos, publicadas no sítio do IHU.

- Emprego formal cresceu 2,19% no Vale do Rio dos Sinos, em 2009. Publicada em 17-4-2010, e disponível no link <http://migre.me/C3Hh>;
- Emprego no Vale do Sinos tem o melhor desempenho dos últimos 14 anos. Publicada em 24-4-2010. Acesse em <http://migre.me/C3IP>;
- O perfil dos trabalhadores do Vale do Sinos. Publicada em 4-5-2010 e disponível em <http://migre.me/C5IH>.
- Índice de pobreza e indigência no Vale do Sinos: a caminho dos Objetivos do Milênio. Publicada em 22-5-2010 e disponível em <http://migre.me/HUX6>.

Eventos

Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência

A inocência do vir-a-ser é o “grande sim” que Nietzsche buscava com sua filosofia da tragédia, analisa Oswaldo Giacoia. Concepção trágico-pagã de justiça era contraposta às teorias de justiça hegemônicas da modernidade europeia, marcadas pela influência espiritual do Cristianismo

POR MÁRCIA JUNGES

“U m modo de pensamento que fosse capaz de assumir e afirmar a totalidade da existência, na integridade de seus aspectos, incluindo o que nela existe de sombrio e luminoso, de alegre e doloroso, de desfalecimento e exaltação. Trágico é um pensamento capaz de acolher e bendizer tanto a criação como a destruição, a vida como a morte, a alternância eterna das oposições, no máximo tensionamento”. A explicação é do filósofo Oswaldo Giacoia, na entrevista exclusiva que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**. Antecipando aspectos que aprofundará em sua conferência desta segunda-feira, 24 de maio, intitulada Nietzsche e o pensamento trágico, dentro do Ciclo de Estudos Filosofias da Diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana, Giacoia acentua que uma filosofia trágica “prescinde de uma visão jurídica e culpabilizadora da existência, acredita na inocência do vir-a-ser, não nega nem condena, mas aceita a vida sem subtração e nem acréscimo”. Segundo ele, Nietzsche queria fazer ressurgir a tragédia porque percebia nela “uma forma de vida marcada pela autenticidade e pela recusa de uma postura ingenuamente otimista, artificiosa, satisfeita e conformada com um ideal de felicidade individual e social reduzida a conforto, segurança, ausência de sofrimento”. O artista que poderia levar a termo tal feito seria Richard Wagner, compositor apto a “fazer reviver o mito pelo espírito da música, redescobrimdo a profunda relação entre arte, religião e política, própria dos gregos da era da tragédia”.

Graduado em Direito pela Universidade de São Paulo (USP) e em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), Giacoia é mestre e doutor em Filosofia por esta instituição. É pós-doutor pela Universidade Livre de Berlim, Universidade de Viena e Universidade de Lecce, Itália, e livre docente pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde leciona no Departamento de Filosofia. Especialista em Nietzsche, sobretudo no seu pensamento político, publicou, entre outros: *Nietzsche - Para a Genealogia da Moral* (São Paulo: Editora Scipione, 2001), *Nietzsche como psicólogo* (2ª ed. São Leopoldo: Unisinos, 2004), *Sonhos e pesadelos da razão esclarecida: Nietzsche e a modernidade* (Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2005) e *Nietzsche & Para Além do Bem e Mal* (2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como pode ser definido o pensamento trágico?

Oswaldo Giacoia - Uma definição resumida do conceito de trágico no pensamento de Nietzsche¹, que poderia incluir

¹ Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo

alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvalorização dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras, figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da*

moral (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponi-

as diferentes tematizações e problematizações desse conceito, seria a de um modo de pensamento que fosse capaz de assumir e afirmar a totalidade da existência, na integridade de seus aspectos, incluindo o que nela existe de sombrio e luminoso, de alegre e doloroso, de desfalecimento e exaltação. Trágico é um pensamento capaz de acolher e bendizer tanto a criação como a destruição, a vida como a morte, a alternância eterna das oposições, no máximo tensionamento. Uma filosofia trágica prescinde de uma visão jurídica e culpabilizadora da existência, acredita na inocência do vir-a-ser, não nega nem condena, mas aceita a vida sem subtração e nem acréscimo. Uma existência trágica é aquela que, sem depender de uma crença na ordenação e significação moral do mundo, não considera o mal e o sofrimento como uma objeção contra a vida.

IHU On-Line - Qual é o seu contexto de surgimento?

Oswaldo Giacoia - O contexto de surgimento da problemática do trágico no pensamento de Nietzsche encontra-se em suas obras de juventude, nas quais houve um predomínio da arte e da metafísica da vontade, inspiradas em Arthur Schopenhauer² e Richard Wagner³.

vel para download em <http://migre.me/s7BB>. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela IHU On-Line edição 175, de 10-04-2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada *Nietzsche e Paulo*, disponível para download em <http://migre.me/s7BH>. A edição 15 dos *Cadernos IHU em formação* é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://migre.me/s7BU>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em <http://migre.me/FC8R>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. (Nota da IHU On-Line)

2 Arthur Schopenhauer (1788-1860): filósofo alemão. Sua obra principal é *O mundo como vontade e representação*, embora o seu livro *Parerga e Paralipomena* (1815) seja o mais conhecido. Friedrich Nietzsche foi grandemente influenciado por Schopenhauer, que introduziu o budismo e a filosofia indiana na metafísica alemã. Schopenhauer, entretanto, ficou conhecido por seu pessimismo e entendia o budismo como uma confirmação dessa visão. (Nota da IHU On-Line)

3 Richard Wagner (1813-1883): compositor

Posteriormente, Nietzsche identificou sua obra juvenil com uma “metafísica de artistas”, que procura julgar a ciência sob a ótica da arte, e esta sob a perspectiva da vida. A despeito das variações internas que a obra de Nietzsche experimenta ao longo da vida e da produção filosófica de seu autor, o tema da tragédia - mesmo que não mais firmado sobre o par conceitual apolíneo-dionisíaco - permanece um aspecto central de sua filosofia.

IHU On-Line - Analisando a obra de Nietzsche como um todo, é correto falarmos numa centralidade do pensamento trágico na sua filosofia? Por quê?

Oswaldo Giacoia - Minha resposta a essa pergunta é afirmativa, como já insinuei na resposta à questão anterior. Os temas cardinais do pensamento de Nietzsche - e aqui me refiro a aspectos por ele reconhecidos como medulares em toda sua crítica da religião, da metafísica e da moral, a saber o problema da culpa, do ressentimento, da responsabilização - estão indissociavelmente ligados à sua concepção de tragédia.

IHU On-Line - Quais são as fontes nas quais Nietzsche busca inspiração para escrever *O nascimento da tragédia no espírito da música*?

Oswaldo Giacoia - Essas fontes podem ser encontradas em diferentes registros. Os mais conhecidos são a filosofia de Schopenhauer e a estética de Richard Wagner. Mas não se pode desconsiderar a presença de Kant⁴, Schil-

alemão, considerado amplamente como um dos expoentes do romantismo na música. Como compositor de óperas, criou um novo estilo, grandioso, cuja influência sobre a música foi forte a ponto de os músicos de seu tempo e posteriores serem classificados como wagnerianos ou não-wagnerianos. Escreveu o libretto de todas as suas óperas, inclusive o ciclo do *Anel dos Nibelungos*, onde reconstrói partes da antiga mitologia germânica. Para a encenação deste e doutros espetáculos grandiosos que concebeu, foi construído o teatro de ópera de Bayreuth. É interessante notar que D. Pedro II, impressionado com a obra de Wagner, cogitou construir no Brasil este teatro. Sua vida pessoal teve também aspectos espetaculares, como terminar o primeiro casamento e ter que mudar de país por seu relacionamento com a esposa de von Bülow (Cosima, filha de Liszt) que se tornaria sua segunda esposa. Vem daí seu parentesco com Liszt. (Nota da IHU On-Line)

4 Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo

ler⁵, dos românticos alemães, assim a “frequentação” dos textos da antiguidade clássica, filosóficos e poéticos.

IHU On-Line - Nesse sentido, por que o filósofo aposta em Wagner, a princípio, como o artista capaz de fazer renascer a tragédia?

Oswaldo Giacoia - Entre outras razões, porque o jovem Nietzsche julgava perceber em Wagner um vigor artístico, ético, filosófico e político capaz de regenerar a capacidade de re-criar um público de artistas, não entorpecido pelos artificialismos da ópera e da crítica de arte, nem desertificado pela erudição e pelo historicismo. Wagner seria capaz de fazer reviver o mito pelo espírito da música, redescobrimo a profunda relação entre arte, religião e política, própria dos gregos da era da tragédia.

IHU On-Line - E por que Nietzsche queria tanto fazer ressurgir a tragédia?

Oswaldo Giacoia - Porque nela via uma

dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas *a priori* da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://migre.me/uNrH>. Também sobre Kant foi publicado, este ano, o *Cadernos IHU em formação* número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNrU>. (Nota da IHU On-Line)

5 Johann Christoph Friedrich von Schiller (1759-1805: poeta, filósofo e historiador alemão, tido como o mais importante dramaturgo alemão. Schiller foi um dos grandes homens de letras da Alemanha do século XVIII, e juntamente com Goethe, Wieland e Herder é representante do Romantismo alemão e do Classicismo de Weimar. Sua amizade com Goethe rendeu uma longa troca de cartas que se tornou famosa na literatura alemã. Sua poesia também é famosa, como, por exemplo, a “An die Freude”, que inspirou Ludwig van Beethoven a escrever, em 1823, o quarto movimento de sua nona sinfonia. (Nota da IHU On-Line)

forma de vida marcada pela autenticidade e pela recusa de uma postura ingenuamente otimista, artificiosa, satisfeita e conformada com um ideal de felicidade individual e social, reduzida a conforto, segurança, ausência de sofrimento.

IHU On-Line - Podemos compreender o pensamento trágico ao qual Nietzsche se refere como uma reação, uma contraposição ao pensamento racional, do qual Sócrates⁶ era o grande ícone?

Oswaldo Giacoia - Não creio que o pensamento trágico de Nietzsche se refira a uma recusa do pensamento racional, do qual Sócrates era o grande ícone. Ao contrário, devemos prestar muita atenção para a imensa riqueza das apreciações de Nietzsche sobre Sócrates, o que já ocorre desde *O nascimento da tragédia*, em que Sócrates figura como o pensador que marca o limiar da modernidade cultural. O que Nietzsche denuncia não é a racionalidade lógica, mas sua tirania, ou aquilo que nela assume a forma delirante de uma compulsão: a pretensão de curar integralmente todas as feridas da existência, de desvendar todos os enigmas do mundo, e não somente conhecê-lo, mas também corrigi-lo.

IHU On-Line - É correto afirmar que a tragédia grega e a filosofia de Heráclito⁷ são a inspiração para o conceito de *amor fati*? Por quê?

⁶ **Sócrates** (470 a.C. - 399 a.C.): filósofo ateniense e um dos mais importantes ícones da tradição filosófica ocidental. Sócrates não valorizava os prazeres dos sentidos, todavia escalava o belo entre as maiores virtudes, junto ao bom e ao justo. Dedicava-se ao parto das ideias (Maiêutica) dos cidadãos de Atenas. O julgamento e a execução de Sócrates são eventos centrais da obra de Platão (*Apologia e Criton*). (Nota da IHU On-Line)

⁷ **Heráclito de Éfeso** (540 a.C. - 470 a.C.): filósofo pré-socrático, considerado o pai da dialética. Problematisa a questão do devir (mudança). Recebeu a alcunha de "Obscuro" principalmente em razão da obra a ele atribuída por Diógenes Laércio, *Sobre a Natureza*, em estilo obscuro, próximo ao das sentenças oraculares. Na vulgata filosófica, Heráclito é o pensador do "tudo flui" (panta rei) e do fogo, que seria o elemento do qual deriva tudo o que nos circunda. De seus escritos, restaram poucos fragmentos (encontrados em obras posteriores), os quais geraram grande número de obras explicativas. (Nota da IHU On-Line)

“Nietzsche tem a pretensão de contrastar uma concepção trágico-pagã de justiça, em oposição às teorias da justiça hegemônicas na modernidade europeia, todas profundamente marcadas pela influência espiritual do Cristianismo”

Oswaldo Giacoia - Deleuze⁸ percebeu muito bem que a filosofia de Heráclito é uma verdadeira pedra de toque para se compreender o pensamento de Nietzsche. Penso que o mesmo vale para as tragédias de Ésquilo⁹ e Sófocles¹⁰ - e mesmo para Eurípedes¹¹, a despeito do juí-

⁸ **Gilles Deleuze** (1925-1995): filósofo francês. Assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bergson, Nietzsche e Espinosa, poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou ideias como as de devir, acontecimentos, singularidades, conceitos que nos impelem a transformar a nós mesmos, incitando-nos a produzir espaços de criação e de produção de acontecimentos-outros. (Nota da IHU On-Line)

⁹ **Ésquilo** (525 a.C. - 456 a.C.): poeta trágico grego. É considerado como o fundador da tragédia. Teria escrito 79 tragédias (segundo alguns autores cerca de 90), das quais se conservaram apenas sete completas (para além de inúmeros fragmentos dispersos de outras). (Nota da IHU On-Line)

¹⁰ **Sófocles**: dramaturgo grego. Viveu em Atenas, cerca de 400 anos antes da era cristã. Considerado um dos mais importantes escritores gregos da tragédia. Édipo Rei, Antígona e Electra são as suas peças mais conhecidas (Nota da IHU On-Line)

¹¹ **Eurípedes** (485 a.C. - 406 a.C.): poeta trágico grego, o último dos três grandes autores trágicos da Atenas clássica (os outros dois foram Ésquilo e Sófocles). Especialistas estimam que Eurípedes tenha escrito 95 peças, embora quatro delas provavelmente tenham sido escri-

zo negativo de Nietzsche quanto ao autor de *As Bacantes*. Isso porque a tragédia representa, para Nietzsche, a transfiguração da sabedoria de Sileno¹²: para os humanos, o bem maior é o que lhes é inalcançável: não ser, nada ser, pois o mal maior é ter nascido. O outro bem, esse sim acessível aos homens, é morrer logo. A tragédia é a transformação desse horror numa vida da qual não queremos, por nada, nos desprender.

IHU On-Line - De que forma o pensamento trágico nietzschiano é uma crítica à moral cristã?

Oswaldo Giacoia - Sob um aspecto que deve ser bem compreendido para poder ser também justamente avaliado. Parece-me que, do ponto de vista de Nietzsche, o Cristianismo, ou ao menos algumas das vertentes do Cristianismo, concebe a existência sob a ótica da culpabilização e do castigo, e desvalorizam o mundo, a vida terrena, contrapondo-a a uma vida suprasensível, a um mundo ideal, situado no além.

IHU On-Line - Até que ponto estão imbricados o pensamento trágico e a concepção de justiça em Nietzsche? Como essa relação resulta numa ruptura ao conceito cristão de justiça?

Oswaldo Giacoia - A concepção de justiça e o pensamento trágico guardam profunda relação na filosofia de Nietzsche, tanto que essa relação se encontra presente, com muita intensidade, já nos textos de juventude, e assim permanece até seus derradeiros escritos. Em considerável medida, Nietzsche tem a pretensão de contrastar uma concepção trágico-pagã de justiça, em oposição às teorias da justiça hegemônicas na modernidade europeia, todas profundamente marcadas pela influência espiritual do Cristianismo.

tas por Crítias. Ele foi autor do maior número de peças trágicas da Grécia que chegaram até nós: dezoito no total. (Nota da IHU On-Line)

¹² **Sileno**: na mitologia grega, e posteriormente na mitologia romana, era um dos seguidores de Dioniso, seu professor e companheiro fiel. (Nota da IHU On-Line)

IHU Repórter

Elisa Castro

POR PATRICIA FACHIN | FOTOS ARQUIVO PESSOAL

Professora do curso de Psicologia da Unisinos há três anos, Elisa de Castro dedica-se à pesquisa desde o tempo de estudante, experiência que foi determinante para a escolha da carreira acadêmica. A seguir, ela conta para a IHU On-Line os aspectos mais marcantes de sua trajetória. Confira.



Origens - Nasci em Porto Alegre, mas, antes de completar um ano de idade, fui morar no município de Taquari, cidade natal da minha família materna. Morei lá até os 16 anos, e depois retornei a Porto Alegre para dar continuidade aos estudos. Minha mãe também é psicóloga e atua na área clínica; meu pai é administrador de empresas. Tenho dois irmãos mais novos.

Família - Sou casada e tenho duas filhas: a Cecília, de cinco anos, e a Sofia, de 1 ano e 8 meses. Atualmente, tenho feito muitos programas infantis com as minhas filhas. Nós gostamos de viajar e ir à praia. Meus pais têm um sítio em Tabaí, então aproveitamos os finais de semana lá.

Maternidade - A maternidade foi uma alegria e uma satisfação, embora mulheres que trabalham, como eu, vivem um conflito no sentido de estar sempre devendo mais dedicação para os filhos ou para o trabalho. Morei na Espanha, por 4 anos, enquanto cursava o doutorado, e minha filha mais velha nasceu lá. Esse foi um período complicado

porque Rodrigo (esposo) e eu estávamos longe da família e tivemos de dar conta dessa nova vida.

Escolha profissional - Na adolescência, tive muitas dúvidas em relação à profissão. Prestei vestibular para Medicina, mas não passei. Resolvi cursar Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Hoje trabalho com psicologia da saúde. Então, há uma intersecção entre psicologia e a área da saúde. Durante toda a graduação, fui bolsista de iniciação científica, e essa foi uma experiência determinante para que eu escolhesse a carreira acadêmica. Antes de me formar, já tinha certeza de que queria seguir esse caminho. Quando concluí a graduação, iniciei o curso de mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, na área de psicologia hospitalar, estudando as relações familiares e a interação mãe x crianças. Depois disso, optei por realizar o doutorado no exterior porque não havia nenhum doutorado nesta área, no Brasil. Meu esposo e eu conseguimos uma bolsa

da Capes e fomos estudar na Espanha. Fiz meu doutorado em psicologia clínica da saúde, em Madri.

Vivência na Espanha - Viver em outro país foi uma experiência marcante. Com as dificuldades normais de adaptação, esse foi um período tranquilo. Voltei lá, no ano passado, para rever os amigos que fiz.

Ingresso na Unisinos - Quando retornei da Espanha, em 2006, ingressei como professora na Unisinos, no curso de Graduação e na Pós-Graduação em Psicologia.

Lazer - Nos momentos de folga, gosto de descansar, ir ao cinema, tomar um vinho e sair para jantar. Também adoro viajar. Esse é meu hobby predileto.

Livros - Gosto de uma autora inglesa chamada Tracy Chevalier. Ela escreveu o livro *Moça com brinco de pérola*, que, posteriormente, foi transformado em filme. Também admiro e leio as crônicas da espanhola Rosa Montei-ro.



>> PROFESSORA ELISA COMEMORANDO O ANIVERSÁRIO DAS FILHAS SOFIA E CECÍLIA.

Religião - Tenho uma formação católica, mas não sou praticante. Fiz a primeira comunhão e sempre estudei em instituições católicas. De certa maneira, a religião está sempre ao meu redor.

Sonho - No âmbito profissional, quero cada vez mais me de-

envolver como pesquisadora, conseguir fazer pesquisas que tenham relevância e aplicabilidade. Pessoalmente, desejo ver minhas filhas crescendo felizes. São sonhos normais e tranquilos.

Unisinos - Vejo a Unisinos

como uma instituição séria e comprometida com a qualidade do ensino. Nesses três anos que trabalho aqui, cresci muito como professora e pesquisadora. A universidade é um ambiente que possibilita o desenvolvimento da pesquisa e o crescimento dos pesquisadores.

XII Simpósio Internacional IHU A experiência missioneira: território, cultura e identidade

25 a 28 de outubro de 2010

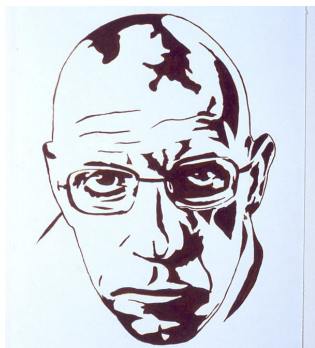
Local: Unisinos • Anfiteatro Pe. Werner
Av. Unisinos, 950 • São Leopoldo • RS

Informações e inscrições:
www.ihu.unisinos.br ou (51) 3591 1122



Apoio:





Foucault e a questão do sujeito

No próximo dia 1º de junho, o Prof. Dr. **Alfredo Veiga-Neto**, da Unisinos, proferirá a conferência *Foucault e a questão do sujeito*, no **Ciclo de Estudos Filosofias da Diferença** - Pré-Evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. O evento acontece na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU das 19h30min às 22h. Confira a programação completa do ciclo em <http://migre.me/FliS>.

O Deus vivo em perspectiva cósmica

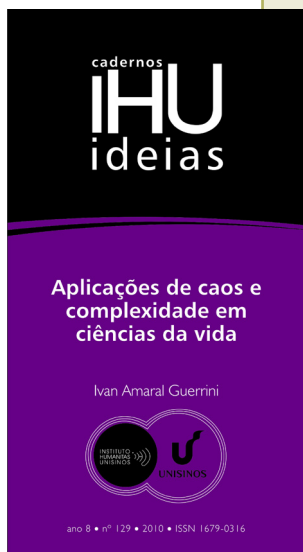
O **Cadernos Teologia Pública** nº 51, intitulado *O Deus vivo em perspectiva cósmica*, é de autoria de Elizabeth A. Johnson. Mediante algumas considerações críticas sobre implicações da cosmologia contemporânea e da ética ecológica para a teologia da criação, a autora aponta possibilidades para uma reflexão sobre a questão de Deus em perspectiva cósmica. Elizabeth A. Johnson é professora da Fordam University, universidade jesuíta de Nova York, onde leciona teologia

sistemática e teologia feminista. Faz parte do conselho Editorial dos periódicos *Theological Studies*, *Horizons: Journal of the College Theology Society* e *Theoforum*. A íntegra da edição nº 51 dos **Cadernos Teologia Pública** estará disponível no site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, www.ihu.unisinos.br, em formato PDF, a partir de 10 de junho.



Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida

Já está disponível para download a edição nº 129 dos **Cadernos IHU ideias**, intitulado *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida*. Conforme o autor, físico e professor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Ivan Amaral Guerrini, o tema dos sistemas dinâmicos e complexos tem atraído a atenção de muitos pesquisadores do mundo todo, nos últimos anos. Segundo ele, caos e complexidade são temas bastante usados e unidos na atual fase “pós-moderna” da ciência. Para baixar a íntegra do texto acesse <http://migre.me/FEs4>.



Apoio:

